



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS – FALE



MARCELO FERREIRA NUNES

Etimologia e história da palavra “macumba” e seus significados

Dourados

2024

MARCELO FERREIRA NUNES

Etimologia e história da palavra “macumba” e seus significados

Versão original

Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área: Linguística e Transculturalidade

Orientador: Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze

Dourados

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Marcelo Ferreira Nunes

Etimologia e história da palavra “macumba” e seus significados

Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze – PPG Letras/ UFGD
(Presidente/Orientador)

Prof^a. Dr^a. Marilze Tavares – PPG Letras/ UFGD
(Membro titular interno)

Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto – PPGEL/ UEFS
(Membro titular externo)

Dedico esse trabalho a minha família, que muito me apoiou e que me incentivou a realizá-lo. Ao meu orientador, pela sua generosidade e paciência. E a Deus pela dádiva concedida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à sra. Valmélia Bortoluzzo Nunes, minha mãe, pessoa forte e guerreira, senhora simples, mas detentora de vasto vocabulário, mulher com apreço a livros e conhecimentos, minha monumental inspiração.

Agradecer nem sempre é algo fácil, são inúmeros os merecedores, mas alguém que nunca poderei me esquecer chama-se Bruno Maroneze, ser ímpar, daqueles que somente Deus pode pôr em nossas vidas, professor, amigo, intelectual, humilde e generoso ser de luz.

Agradeço em espírito e em verdade aos meus entes queridos, minha família amada, que, durante o período de curso do mestrado, tanto me apoiaram, em todos os aspectos, desde financeiros até emocionais, sempre pacientes com a minha ausência.

A esses amados, peço que Deus os proteja e os cubra com o seu manto de paz, de justiça e de amor.

RESUMO

NUNES, M. F. Etimologia e história da palavra “macumba” e seus significados. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística e Transculturalidade) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 54 p., 2024.

As hipóteses etimológicas para a unidade lexical “macumba” são diversas e controversas, desde a origem do quimbundo “*ma'kôba*”, pela junção dos elementos “*ma*” (o que assusta) com “*kumba*” (soar (assustadoramente)); ou, ainda no quimbundo, o prefixo “*ma*”, mais o plural “*mba*” (no sentido de sortilégio), resultando em “*macumba*”, plural de “*dikumba*”, no sentido de “cadeado, fechadura”, pelas “cerimônias de fechamento de corpos”; ou talvez de origem do quicongo, “*macumba*” derivado do prefixo “*ma*”, mais o plural “*kumba*”, no sentido de prodígio; assim como as hipóteses de macumba para antigo instrumento musical de percussão africano ou como a árvore baobá. Neste trabalho, essas hipóteses são revistas a partir de dados de atestações anteriores às abonações registradas para “macumba”, atestações essas presentes em livros de reconhecidos autores e jornais impressos na era do Brasil Imperial oitocentista. Nessa sincronia pretérita, dos meados do século XIX, buscou-se rastrear, o mais próximo possível, o *terminus a quo* dessa palavra, polissêmica e controversa, assim como apresentar uma nova hipótese a ser estudada, na qual a palavra “macumba” estaria ligada à dança e à uma nação denominada de nação Macumbé.

Palavras-chave: macumba, macumbé, etimologia, lexicologia diacrônica.

ABSTRACT

NUNES, M. F. Etymology and history of the word “macumba” and its meanings. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística e Transculturalidade) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 54 p., 2024.

Existing etymological hypotheses for the lexical unit “*macumba*” are diverse and controversial, including an origin from Kimbundu “*ma'kôba*”, combining the elements “*ma*” (that which frightens) and “*kumba*” (to sound (frightening)); or, also from Kimbundu, a combination of the prefix “*maku-*” with plural “*mba*” (meaning "sortilege" or "sorcery"), resulting in “*macumba*”, plural of “*dikumba*”, meaning “lock, padlock”, referencing rituals to "close the body"; or maybe from Kikongo, deriving from the prefix “*ma-*” plus plural “*kumba*”, meaning "prodigy"; as well as hypotheses of “*macumba*” as the name of an ancient African percussion musical instrument or the baobab tree.

This study reviews these hypotheses based on data from attestations of “*macumba*” that predate those previously registered in the literature, present in books by reputable authors and well-known newspapers printed in nineteenth-century Imperial Brazil. Based on this synchronic picture of the mid-nineteenth century, this study seeks to trace, as closely as possible, the *terminus a quo* for this polysemic, controversial word, as well as to present a new hypothesis in which the word “*macumba*” would be linked to dance and to a hypothetical Macumbé nation.

Keywords: *macumba*, Macumbé, etymology, diachronic lexicology.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	CONCEITOS TEÓRICOS	12
2.1.	A adoção de palavras estrangeiras na língua portuguesa	12
2.2.	A busca pelo étimo e pela história de uma palavra	13
2.3.	Polissemia	16
2.4.	Alterações Semânticas	17
2.5.	O campo léxico-semântico de “macumba”	17
3.	METODOLOGIA.....	20
4.	ANÁLISE DOS DADOS	22
4.1.	Registros lexicográficos da palavra macumba e seus derivados	22
4.1.1.	Dicionários gerais.....	22
4.1.2.	Dicionários etimológicos.....	25
4.1.3.	Dicionários especializados.....	27
4.2.	História das atestações da palavra “macumba” e seus derivados.....	29
4.2.1.	A palavra “macumba” numa gramática do quimbundo	29
4.2.2.	A palavra “macumba” num erro tipográfico.....	30
4.2.3.	A primeira atestação indubitável da palavra.....	30
4.2.4.	As acepções da palavra.....	32
4.2.5.	Os derivados “macumbeiro”, “macumbaria” e “macumbar”	36
4.2.6.	A palavra “macumba” aparecendo em textos de outras línguas	38
4.2.7.	Seria “macumbé” cognata de “macumba”?.....	38
4.3.	Hipóteses etimológicas já aventadas para a palavra macumba	42
4.3.1.	Hipótese 1 – “origem africana”	43
4.3.2.	Hipótese 2 – do quimbundo	43
4.3.3.	Hipótese 3 – do quimbundo “ma’kūba” (cadeados, fechaduras)	44
4.3.4.	Hipótese 4 – do quimbundo “ma” (o que assusta) + “kumba” (soar).....	44
4.3.5.	Hipótese 5 – do quimbundo “maku” + “mba” (sortilégio)	44
4.3.6.	Hipótese 6 – do quicongo “macumba” (prodígio).....	44
4.3.7.	Hipótese 7 – do quicongo “macumba” (murmúrios).....	44

4.3.8. Hipótese 8 – confluência de dois étimos.....	44
4.3.9. Hipótese nove (inérita) – influência de “macumbé”	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo descrever a história e a etimologia da unidade lexical “macumba”, ligada ao universo das religiões afro-brasileiras. Essa unidade lexical foi escolhida não de maneira aleatória, mas, sim, pela relevância que exerce na cultura brasileira, especialmente nas canções de samba.

Podemos ver que, desde o início do século XX, as canções de samba tratam de temas religiosos de maneira festiva, como nas músicas de João Paulo Batista de Carvalho – ou “J.B. de Carvalho, como preferia ser chamado, foi um dos artistas responsáveis por apresentar músicas de terreiro nas rádios do Brasil lá na década de 1930, sendo, inclusive, repreendido pela polícia [...] que recriminava as expressões artísticas e religiosas afro-brasileiras” (Casa Natura Musical, 2021). Para exemplificar, segue a letra da canção dele “Fica no Mocó”:

Sou da macumba! Sou da macumba!
 No feitiço não tenho rival!
 Aproveita minha gente
 Quem não brinca morre cedo
 Vem pro meu grupo
 Festejar o carnaval!
 Não tenha medo
 E vem mesmo com fé
 Que o nosso grupo
 Pertence ao candomblé
 E a nossa vida
 É mesmo um pagode
 Não é para quem quer
 E sim para quem pode! (Carvalho, 1931)

Podemos encontrar, mais recentemente, letras de músicas que abordam tanto o samba quanto a macumba, tal como na canção intitulada “Samba de Macumba”, executada pelo Grupo Bongar e composta por Guitinho da Xambá, do álbum “Chão Batido Coco Pisado”, de 2010.

Samba de Macumba

Debaixo da gameleira
 Ajuntei a minha turma
 Mandei buscar foi o bombo
 Que o samba vai ser de macumba

Acendi o candeeiro
 Despachei pinga no chão

Vela pros meus pretos velhos
Que a marcação é no pilão

Terra tremeu
Céu trovejou
Quem tombou
Caiu
Respeita meu samba
Sou bamba
Sou do axé lá de Mãe Biu (Chão batido, 1992)

Observa-se que a unidade lexical “macumba” é polissêmica, envolta em tabu e extremamente relevante, tanto para a música quanto para a religiosidade – o que será apresentado mais à frente. Assim, levantamos algumas possibilidades de étimo para essa unidade lexical, entre elas a possibilidade de ser cognata da forma “macumbé”, conforme apresentaremos na seção 4 “Análise dos dados”.

Faremos um estudo histórico aprofundado, buscando datações e primeiros registros em compêndios jornalísticos e literários do português brasileiro, descrevendo, assim, a etimologia da palavra “macumba”. Acreditamos que a história desse vocábulo pode revelar características da própria história social das práticas religiosas e musicais dos povos de ascendência africana e afro-brasileira no Brasil.

2. CONCEITOS TEÓRICOS

Nas línguas, sempre surgem palavras novas para exprimir novos conceitos, necessários conforme a evolução das sociedades. Essas novas palavras, os neologismos, podem ter origem vernácula ou estrangeira (Alves, 2007). Nosso objetivo neste trabalho é descrever a história da palavra “macumba”, palavra essa que entrou na língua portuguesa inicialmente como estrangeirismo. Por isso, nesta seção, trataremos inicialmente do conceito de estrangeirismo. Em seguida, descreveremos alguns conceitos teóricos sobre etimologia e, por fim, abordaremos o campo léxico-semântico da palavra “macumba”.

2.1. A adoção de palavras estrangeiras na língua portuguesa

O estrangeirismo é um fenômeno comum e recorrente na língua portuguesa, fenômeno esse registrado desde à época da língua “galego-portuguesa, cujos primeiros textos escritos aparecem no século XIII” (Teyssier, 2001, p. 8), influenciada inicialmente pelo latim e, posteriormente, por diversas outras línguas, tais como árabe, galego, provençal, francês, inglês, etc. Dessas influências sociais e linguísticas, ocorrem apropriações de diversas palavras e expressões idiomáticas, Joaquim Mattoso Câmara Jr. vai chamar esses processos de “empréstimos aloglóticos” (Câmara Jr., 1976, p. 196).

Para ilustrar esse fenômeno, tomem-se alguns exemplos de palavras vindas do inglês (anglicismos) e que são largamente utilizadas no português contemporâneo, tais como *bacon* (toucinho), *hot-dog* (cachorro-quente), *mouse* (um dispositivo de computador), *show* (espetáculo), são estrangeirismos para os quais não houve um aportuguesamento ortográfico. Esse tipo de empréstimo aloglótico é chamado de “empréstimo cultural” (Câmara Jr., 1976, p. 196) e ocorre de forma indireta na língua.

No português falado no Brasil, existem ainda mais influências linguísticas devido aos processos históricos, migratórios e escravistas, nos quais indígenas, negros e brancos, de diversas origens, em um caldeirão cultural, dividiram experiências sociais e influenciaram-se mutuamente, ou seja, ocorreu o “empréstimo íntimo” (Câmara Jr., 1976, p. 196) de forma direta.

Como herança dessa união de povos e de línguas, milhares de novas palavras foram adicionadas ao repertório da língua portuguesa brasileira. A chegada no Brasil de diversos africanos como escravos, com diversas culturas e línguas, influenciou a língua portuguesa

especialmente no léxico, com os chamados “africanismos”. Para Câmara Jr. (1976, p. 196), “quando duas línguas coexistem lado a lado e criam um constante bilinguismo”, ocorrem os “empréstimos de adstrato”, como esses africanismos.

Segundo o Grande Dicionário Houaiss (on-line), na linguística, “africanismo” é:

5 (1858) LING palavra, locução ou peculiaridade idiomática própria dos grupos linguísticos da África Negra ou proveniente das línguas que os compõem (Africanismo, 2024).

Nesses processos de bilinguismo, é comum a aparição de um neologismo oriundo de uma língua estrangeira, que pode ser usado em uma determinada sincronia, ser falado e até mesmo publicado em jornais e revistas; e simplesmente desaparecer, cair em desuso e não vir a ser registrado em dicionários. Esse neologismo pode ainda vir a ser somente registrado e utilizado em vocabulários de especialidades, sem muita difusão pública (Bonvini, 2014, p. 120).

Entretanto, quando esse neologismo é registrado em dicionário, ou seja, dicionarizado, deixa de ser chamado de neologismo e passa, então, a ser designado como empréstimo. Esse é um processo de sedimentação pelo qual a palavra emprestada passa para tornar-se substrato vernacular – processo muito importante para o estoque lexical do sistema da língua (Bonvini 2014, p. 120).

Podemos encontrar esses dois fenômenos, em diversas palavras de origem africana, tanto os neologismos de especialidades quanto os empréstimos. As palavras de origem africana usadas apenas em cultos religiosos são exemplos de termos de especialidades; já as palavras dicionarizadas e usadas de forma geral pelos falantes são “verdadeiros empréstimos” (Bonvini 2014, p. 120).

2.2. A busca pelo étimo e pela história de uma palavra

A ciência que estuda a história das palavras é conhecida como etimologia. Por meio dessa ciência e dos conceitos e métodos que ela desenvolveu, podemos descrever a história das palavras individualmente, e é o que propomos fazer aqui com a palavra “macumba”.

Parte do trabalho etimológico consiste em encontrar o étimo de uma palavra. O étimo é o vocábulo originário, capaz de gerar um outro vocábulo. O étimo é o elemento basilar da formação das palavras. No dicionário Houaiss on-line encontramos as seguintes acepções para “étimo”:

- 1 termo determinado e abonado (com exceção das formas hipotéticas), que serve de base para a formação de uma palavra; pode ser uma forma antiga (do mesmo idioma ou de outro) de que se origina a forma recente; pode ser o radical com um afixo, pode ser uma palavra moderna a partir da qual se formam outras, pode ser uma forma hipotética (da mesma língua ou de outra) estabelecida para explicar formas recentes
- 2 morfema ou palavra que serve de base para a formação de palavras por derivação ou composição
- 3 origem de uma palavra; etimologia (Étimo, 2024)

Por vezes as palavras podem ter uma origem muito antiga, como a palavra “açúcar” que tem a sua origem do sânscrito: “*çarkarā*”, porém, como nos relata Viaro (2011, p. 106), essa palavra entrou na língua portuguesa via influência árabe: “*as-sukkar*” – herança herdada dos mouros, que dominaram o sul da Europa entre os séculos VIII e XV. Assim, entendemos que o étimo de uma palavra é o seu “ancestral” imediato. No caso de *açúcar*, do árabe *as-sukkar*; já a origem dessa é mais recuada no tempo, no caso, o sânscrito *çarkarā*.

Para rastrear determinado étimo, é importante verificar quando a palavra foi empregada pela primeira vez na língua. Esse primeiro emprego seria o *terminus a quo* (Viaro, 2011), que é entendido como o primeiro registro material, primeiro uso efetivo em texto, registrado, impresso, publicado e divulgado. É justamente essa primeira aparição, esse primeiro uso na língua, em um determinado momento histórico, que vai nortear e nomear a palavra inaugurada como sendo um *terminus a quo* (Viaro, 2011). Essas palavras manifestadas em um determinado tempo, ou seja, em uma sincronia pretérita, são as que compõem a rica seara da etimologia.

A etimologia trata-se, assim, de um campo de estudo da linguística que se debruça e analisa a história, e é justamente o etimólogo – esse pesquisador que é um misto de detetive, arqueólogo e linguista – quem decifra as pistas e tenta nos trazer respostas sobre a origem e os significados intrínsecos contidos nas palavras, por meio de análises dos seus elementos constituintes, das regras de evolução e das transformações por que passam tais palavras.

Chegamos, então, no ponto de partida crucial: como, quando e onde determinada palavra entrou na língua, quem foi o primeiro escritor a registrar o seu uso, e qual era o seu sentido e conceito inicial, buscando a história da palavra, auxiliado pela filologia, pela linguística comparada, pela linguística geral, buscando a maior verossimilhança possível segue o etimólogo na sua labuta, travando o seu bom combate.

A etimologia é um campo de estudo pautado em métodos científicos, onde os achismos imaginativos sem fundamentos reais e sem provas concretas não são elementos consideráveis e devem ser descartados, assim permanecerá apenas as provas reais, com suas abonações, devidamente registradas em livros, em documentos, em pedras, em pergaminhos e em papiros, é onde entram os especialistas e estudiosos das áreas da epigrafia, paleografia, codicologia, etc.

Podemos perceber que a etimologia tem um arcabouço bastante sólido, tem regras e normativas pertinentes e se baseia em campos do saber consolidados, tem método científico, e suas análises geram resultados bem fundamentados; é capaz de destrinchar a estrutura do étimo e muitas vezes vislumbrar a gênese da sua manifestação no sistema da língua.

Hoje em dia além dos textos físicos, os estudiosos contam com uma gigantesca fonte de pesquisa virtual, trata-se do Google Acadêmico, no qual podemos encontrar livros e textos escritos a partir do século XIX, perfeitamente digitalizados, podendo assim o etimólogo acessar a milhares, talvez milhões de *corpora* textuais, uma verdadeira preciosidade disponibilizada para todos os pesquisadores das línguas humanas.

E para a análise desses *corpora* podemos usar poderosas ferramentas computacionais, tais como *WordSmith Tools*, *Antconc*, *R Studio*, etc., um patamar incrivelmente novo está a desenrolar-se na contemporaneidade, inaugura-se um admirável mundo novo nas ciências linguísticas, nunca antes sonhado na história: em uma fração mínima de tempo, podemos acessar, filtrar, interrelacionar, comparar e interpretar palavras, frases e textos.

Temos também dicionários on-line dos mais diversos tipos – monolíngues, bilingues, plurilíngues, etc. –, nos quais é possível pesquisar e confrontar informações e dados neles presentes. Em alguns dicionários podemos encontrar uma tipologia estrutural bem construída, não só com os verbetes e respectivas entradas (macroestrutura), mas também constituído de definições complementares (microestruturas), como as referências etimológicas e as abonações.

Abonação é o apontamento que garante a veracidade da justificação do significado apontado no verbete, por meio da identificação do uso textual em obra de autor historicamente consagrado, nessa abonação deve-se ser citado, o nome do autor, nome da obra, com página e a data de publicação (Biderman, 1984, p. 135). Dessa maneira, podemos garantir que uma palavra era usada em uma época específica, expressava uma determinada ideia e o seu significado pode ser transmitido a nós de maneira mais fidedigna.

As abonações são de extrema importância para o estudo do étimo, elas são como provas registradas, evidências deixadas no decorrer do tempo. Sem essas provas, os achismos muitas vezes imperam e criam deformações incongruente; cabe aos lexicógrafos, que são os responsáveis pela confecção dos dicionários fazer, quando possível, o devido registro das abonações.

Podemos perceber que a etimologia é uma ciência da linguística de suma importância para desvendar as origens, transformações, e os sentidos contidos nas palavras; além de caber aos etimólogos, ao perceberem discrepância quanto à origem ou ao significado do étimo,

questionarem sobre tal equívoco, trazer tal situação à baila no meio acadêmico, para assim fomentar um embate saudável, buscando trazer luz e um conhecimento reformulado.

2.3. Polissemia

A noção de polissemia foi sintetizada, amalgamada e cunhada por Michel Bréal, teórico da filologia e fundador da Semântica, ao estudar cientificamente a multiplicação de significados das palavras. No capítulo 14 “*La polysémie*”, do livro de Bréal “*Essai de Sémantique: science des significations*”, publicado em Paris no ano de 1897, encontramos o primeiro registro sobre o conceito de polissemia.

CHAPITRE XIV

La polysémie.

Ce que c'est que la c. — Pourquoi elle est un signe de civilisation. — D'où il vient qu'elle ne cause pas de confusion. — Une nouvelle acception équivaut à un mot nouveau. — De la polysémie indirecte154 (BRÉAL, 1897, p. 347)

A etimologia da palavra “*polysémie*”, segundo o dicionário on-line Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales:

•POLYSÉMIE, subst. fém.

Étymol. et Hist. 1897 (BRÉAL, p.155). Formé à partir du gr. tardif π ο λ υ σ η μ ο ς «qui a beaucoup de significations» (de π ο λ υ ς «nombreux», v. élém. poly- et σ η μ α «signe, caractère distinctif»; cf. b. lat. polysemus) et du suff. -ie*. (Polysémie, 2024)

A polissemia, na lexemática, é o termo empregado para designar um significante com mais de um significado, pertencentes a campos semânticos diferentes, precisos e determinados (Bechara, 2004, p. 402).

No livro, “Ensaio de Semântica: Ciências das Significações”, encontramos os estudos e as afirmações de Bréal, traduzidos para o português (Bréal, 1992). Nesse livro, a polissemia é analisada a fundo e, segundo o autor, acontece principalmente devido à:

- Utilização da linguagem no sentido figurado, com o uso das figuras de linguagem como metáfora e metonímia;
- Tradução de linguagem específica para linguagem corrente;
- Atuação de estrangeirismos e neologismos. (Bréal, 1992).

Bréal (1992) afirma que essas são:

algumas das causas que fazem com que as palavras tomem um sentido novo. Não são seguramente as únicas, pois a linguagem, além de possuir suas próprias leis, recebe a repercussão dos acontecimentos exteriores, acontecimentos que escapam de qualquer classificação. (Bréal, 1992, p. 103).

2.4. Alterações Semânticas

Bechara (2004), ao citar a semântica estrutural diacrônica, teoriza e classifica as alterações semânticas no léxico e as divide em três tipos: extensão do significado; enobrecimento do significado; e enfraquecimento do significado (Bechara, 2004, p. 397). Para o nosso estudo, focaremos no primeiro tipo de alteração, a extensão de significado.

Como disse muito bem Pagliaro “Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa” [Apg. 1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos ultrapassa limites de sua primitiva “esfera semântica” e assume valores novos. (Bechara, 2004, p. 397)

No caso da palavra “macumba”, a polissemia está ligada diretamente à multiplicação e à extensão de significações. Bréal nos afirma que “quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social” (Bréal, 1992, p. 103), essa afirmativa vem de encontro com o ocorrido com a palavra “macumba”, com os desdobramentos de significados agregados a palavra no decorrer das sincronias, pretérita e atual.

2.5. O campo léxico-semântico de “macumba”

A ideia de *campo semântico* (*Bedeutungsfeld*) aparece pela primeira no raríssimo livro *Der alte Orient und die Indogermanen* de 1924, do autor Gunther Karl Julius Ipsen; de acordo com Oliveira (2012, p. 64), esse conceito

é associado com mais frequência a Trier a partir dos seus estudos sobre palavras do campo do intelecto alemão antigo e médio [...]

Trier (apud ULLMANN, 1957, p. 157) irá definir *campos* da seguinte forma: “realidades linguísticas existentes entre palavras simples e o vocabulário total; eles são partes de um todo e se assemelham a palavras no sentido de combinarem para formarem uma unidade maior, e se assemelham ao vocabulário no sentido de se reduzirem a unidades menores”.

Nesse período entre guerras houve profusos e instigantes estudos, em diversas escolas da Europa, envolvendo diversos pensadores, filósofos, filólogos e gramáticos, todos inspirados

pela idéia de *campos, semânticos e léxicos*, nosso objetivo não é nos aprofundarmos nessa seara teórica, sobre *campos*, apenas apresentar as palavras que estão interrelacionadas com a palavra “macumba” e para levantar as palavras que compõem o seu campo léxico-semântico foi consultado o “Dicionário de Umbanda”, de Altair Pinto (1975).

Os falantes da língua portuguesa, em sua grande maioria, não conhecem, e não diferenciam as práticas das religiões afro-brasileiras, com o seu vocabulário de especificidades, com os seus termos e palavras. Separamos aqui os verbetes ligados ao tema dos despachos e oferendas, porque esses termos são frequentemente confundidos com o significado da palavra “macumba”.

ASSENTAMENTO DE ORIXÁ — É o lugar no pegi onde é colocada a representação de Orixá, ou do seu fetiche, ponto riscado etc., tudo de acordo com o ritual apropriado para essa cerimônia.

CAVÔ — Não somente significa despacho, como traduz também o sacrifício de animais para trabalhos e determinadas cerimônias de terreiro.

COISA FEITA — Quer dizer trabalho feito para levar o mal a alguém, como seja, despacho, feitiço, bruxaria etc. Às vezes uma pessoa, sente-se como que diminuída, doente, desanimada, sentindo mesmo coisas que não sabe explicar. Isto é o que se pode chamar trabalho ou perseguição espiritual, pois que quem se sente em tal situação, não pode atinar com o que seja a causa dos seus males, pois que os mesmos, se não são uma resultante de algum trabalho feito nalgum centro de Quimbanda por um seu inimigo, pode resultar de um encosto de um espírito ignorante e sem luz. De qualquer forma, todo aquele que se encontrar em tal situação, deve procurar a proteção recorrendo aos trabalhos de um centro de Umbanda, pois 17 somente assim poderá tudo ser desfeito e ser dado fim ao sofrimento.

CUNDIM — Farofa preparada com cebola, vinagre e azeite, cuja finalidade é acompanhar os despachos feitos nas encruzilhadas.

CURIAU — Despacho. Comida de santo.

DESATAR O NÓ — Significa o auxílio para tornar sem efeito a ação maléfica de um despacho ou feitiço.

DESPACHOS — Devemos dizer que a finalidade dos despachos da verdadeira Umbanda é desmanchar e anular os trabalhos de Quimbanda, bem como para desmanchar dificuldades da vida. curar doenças e obsessões, bem como abrir caminhos etc.

EBÔ — Presente para espíritos de Exu. Despacho. É uma oferta que se coloca nas encruzilhadas ou em qualquer outro local, tanto para o bem como para o mal, variando grandemente seus componentes, conforme seja a determinação da entidade ou pessoa e também de acordo com a sua finalidade.

FEITIÇO — É a atração de forças negativas contra alguém, por uma série infindável de coisas, desde as mais inocentes às mais repulsivas e odiosas. O feitiço pode ser: Direto, quando é transmitido por contato àquele contra o qual foi feito e, indireto, quando é transmitido por irradiações maléficas.

MANDINGA — Trabalho, feitiço, despacho.

MEISINHA — Mandinga. Despacho. Trabalho.

MUAMBA — Feitiço. Despacho. Trabalhos para fazer mal a alguém.

PADÊ — Despacho para Exu no início das sessões ou festas, constando de bebidas, alimentos, velas e outras oferendas, a fim de que os trabalhos não sejam perturbados.

SACRIFÍCIO DE ANIMAIS — É a matança de animais feita pelo Axogum, podendo esse sacrifício ser de uma das seguintes formas: Propiciatório — É o sacrifício comumente feito como oferenda aos orixás, variando o animal a ser sacrificado de acordo com a preferência do Orixá. Expiatório — É o sacrifício que se faz como

pagamento ou oferenda a alguma entidade maléfica em troca de algum favor excuso ou criminoso.

SAVÔ — Sacrifício de um animal dentro do ritual do culto. Despacho. Trabalho.

TROCA DE CABEÇA — Transferência que é feita para uma pessoa, animal ou vegetal, de doenças, contrariedades, maus negócios, divergências familiares, feitiços etc, com a finalidade de beneficiar ou prejudicar alguém, ao fazer esse despacho, não se deve olhar para trás, nem pisar sobre ele, evitando-se também voltar pelo mesmo itinerário seguido, para não se neutralizar, acumular ou adquirir o que se foi desfazer; se assim não se fizer será uma verdadeira volta ao passado, com a continuação do que se quer libertar ou a contaminação por fluidos deletérios existentes em tais trabalhos. Depois de feito o que foi recomendado, a pessoa que se encarregou e se desincumbiu dessa missão, deve, para maior segurança, tomar um banho de descarga ou se defumar. (Pinto, 1975).

Em todos esses verbetes listados, encontramos em suas acepções as palavras “despacho” e “oferenda”. De forma recorrente, tais verbetes são permeados pela temática ritualística sacrificial. No verbete a seguir, o verbete “macumba” está ligado a canto, culto, ritual, dança, e instrumento musical:

MACUMBA — Significa Candomblé. Sessão de terreiro. A Macumba nada mais representa do que uma cópia fiel do que se praticava antigamente com respeito ao culto pagão das Divindades, por eles cultuadas no seu ponto de origem e que, embora se assemelhando em tudo a uma forma do Espiritismo, se personaliza de um modo todo especial o qual, por meio de gestos, cantos e danças, acompanhados de farto e vibrante material sonoro, entremeados de rodopios com fundo cabalístico, numa coreografia essencialmente policrômica e folclórica, são dançados e riscados os seus rituais, ao som dos Atabaques, Macumbas, Agogôs, Tambores, Rumpis, Agês, Adejás Xaquexaques, etc. Na Macumba, o chefe de terreiro é o PAI-DE-SANTO que, como tal, possui todas as características de mandante. Ele ordena todas as celebrações dos Gingos, mandando executar as macumbas, curimbas ou cangiras, durante as quais são atendidos todos os filhos de fé. Para dar ajuda aos Pais-de-Santo ou Mães-de-Santo, instruem-se os Ogãs e os Cambonos, quando fazem parte do setor masculino, e Mães-Pequenas, Jabonans e Sambas, no setor feminino. Fazendo parte do terreiro, vêm, a seguir, os Filhos ou Filhas-de-santo, que são os médiuns já desenvolvidos ou ainda em desenvolvimento, que cedem seus corpos à manifestação dos Orixás. Como parte do ritual, existem os pontos cantados e riscados, os quais são puxados ao som dos instrumentos que fazem parte da orquestra. (Pinto, 1975).

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória com a abordagem na pesquisa qualitativa documental técnica responsável por coletar e selecionar informações por meio da leitura de documentos, livros, revistas, jornais, sites, etc. A análise documental, segundo as teorias de Lüdke e André (1986), “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problemas” (Lüdke; André, 1986, p. 39). Os teóricos entendem que “os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador” (Lüdke; André, 1986, p. 39). Dessa forma, a pesquisa documental permite que o pesquisador examine materiais já analisados ou não, em busca de uma interpretação importante ou nova, que venha a complementar a observação realizada anteriormente.

Na visão de Gressler (2003), na abordagem de pesquisa qualitativa, é frequente que o pesquisador alcance o entendimento dos fenômenos por meio da sua interpretação analítica do texto. A autora apresenta cinco características essenciais que o pesquisador deve ter para obter êxito em sua busca:

a) O pesquisador é o principal instrumento de pesquisa qualitativa; b) O pesquisador parte de uma visão holística do fenômeno social, que busca compreender suas inter-relações. Todos os dados da realidade são considerados importantes na descrição de um comportamento ou evento; c) O pesquisador reflete sistematicamente sobre seu próprio papel na pesquisa. Ele não é um observador objetivo, autoritário, nem politicamente neutro; junta-se ao pesquisado em um diálogo contínuo.; d) O pesquisador mostra-se sensível a sua biografia pessoal e a como esta modela o estudo. Ele é historicamente posicionado e situado geograficamente, como um observador da condição humana que é, acima de tudo, humano; e) O pesquisador baseia-se em raciocínios complexos, multifacetados e interrogativos, que se movem entre dedução e indução. (Gressler, 2003, p. 88).

No que se refere às características da pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (*apud* Lüdke; André, 1986, p. 12-14) apresentam cinco aspectos que devem permear esse tipo de investigação. Para os autores Bogdan e Biklen, é imprescindível ter um ambiente natural como fonte de pesquisa e de dados, cujo principal instrumento é o pesquisador; realizar a coleta de dados, preferencialmente, de forma descritiva, seja de pessoas, acontecimentos ou situações; ter uma preocupação com o produto e não com o processo em si; ter o pesquisador sua atenção focada no significado que é dado às coisas pelas pessoas que estão envolvidas no processo; a

análise dos dados deve, quase sempre, seguir o processo indutivo (Bogdan; Biklen *apud* Lüdke; André, 1986, p. 12-14).

A fim de atingir os objetivos propostos, destacamos alguns passos metodológicos que foram importantes para a consolidação deste trabalho. Primeiramente foi feito o levantamento de dados necessários para o desenvolvimento desta pesquisa, em seguida, realizou-se uma discussão sobre os dados levantados, sempre norteada pelas teorias etimológicas e lexicográficas, delimitando-se assim o campo da pesquisa.

As buscas dos dados necessários para a pesquisa foram realizadas em grande parte em bases de dados on-line, onde podemos encontrar material rico e documentado, livros, revistas, jornais, dicionários, e documentos históricos, devidamente digitalizados e disponibilizados em plataformas bem estruturadas, tais como:

- Aulete digital
- Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP)
- Biblioteca Digital da Unesp
- Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa
- Dicionário On-line de Português
- Google Books
- Hemeroteca Digital Brasileira
- Houaiss on-line
- Internet Archive
- Michaelis on-line
- Multirio
- Portal da Língua Portuguesa

Nessas fontes, foi possível encontrar textos de períodos históricos anteriores (em especial o século XIX e início do século XX) em que a palavra “macumba” e seus derivados são empregados com variadas acepções.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Registros lexicográficos da palavra *macumba* e seus derivados

4.1.1. Dicionários gerais

O primeiro registro lexicográfico da palavra “macumba” aparece no “Novo dicionário da língua portuguesa” de Cândido de Figueiredo, na sua quarta edição de 1926, sendo um neologismo na época, definido da seguinte forma: “*Macumba, *f. Bras. do Rio*. Rito espiritualista, que participa do catholicismo, do fetichismo e de superstições tupis.” (Figueiredo, 1926).

No dicionário Aulete de 1958, são descritas diversas acepções: a de culto afro-brasileiro; a de cerimônia desse culto; a de feitiço; e a de instrumento musical. Como hipótese etimológica, apenas se menciona “origem africana”.

s. f. || (Bras.) culto feticista afro-brasileiro com alguma influência cristã; cerimônia desse culto, realizada no *terreiro* sob a direção do *pai-de-santo* ou da *mãe-de-santo* e acompanhada de danças ao som de instrumentos de percussão; candomblé (Bahia); tambor-de-mina, tambor-crioulo (Maranhão); xangô (Pernambuco e Alagoas); babaçûê (Pará). || Feitiço, coisa-feita, ebó. || Instrumento musical de percussão, que dá um som de rapa. F. or. afric. (Aulete, 1958).

No dicionário Michaelis (1999) podemos encontrar a palavra “macumba” com as acepções relativas a cultos afro-brasileiros originários do nagô, ritual, instrumento musical, magia negra, feitiçaria e oferenda/despacho (Macumba, 2024c):

macumba
ma·cum·ba
sf

1 REL Denominação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo e de crenças ameríndias.

2 REL Ritual desses cultos que inclui cantos e danças ao som de instrumentos de percussão.

3 POR EXT Denominação leiga desses cultos quando se acredita que há a prática de magia negra.

4 REL Oferenda feita a Exu, geralmente nas encruzilhadas; despacho.

5 POR EXT No sentido amplo, magia negra ou feitiçaria.

6 MÚS Antigo instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao ganzá, que produz um som rascante, utilizado em terreiros de cultos afro-brasileiros.

ETIMOLOGIA

quimb makumba.

A versão eletrônica do dicionário Aulete reformula inteiramente as definições, apresentando apenas duas acepções: a de culto e a de oferenda. A descrição etimológica já é um pouco mais precisa, afirmando ser do quimbundo “*ma'kôba*”, mas sem indicar fonte nem o significado dessa palavra no idioma quimbundo (Macumba, 2024a).

(ma.cum. ba)
Bras. Rel. Umb.
sf.

1. Denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais, originários do nagô, e que receberam influências de religiões africanas, ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas.

2. Oferenda colocada nas encruzilhadas; DESPACHO

[F.: Do quimb. *ma'kôba*] (Macumba, 2024a)

Encontramos no dicionário Aurélio (1975) a palavra “macumba” ligada ao sincretismo religioso afro-brasileiro, ritual sincrético, magia negra, bruxaria, instrumento percussão:

Macumba. [Do 23uimb.. *Ma'kúba*.) S. f. Bras. 1. Sincretismo religioso afro-brasileiro, derivado do candomblé, com elementos de várias religiões africanas, de religiões indígenas brasileiras e do cristianismo. 2. O ritual sincrético que lhe corresponde. 3. Por derivação, magia negra. 4. V. bruxaria. 5. Instrumento de percussão, espécie de reco-reco, de origem africana, e que produz um som de rapa. (Aurélio, 1975, p. 863).

No “Grande Dicionário Houaiss” (on-line) – cuja versão impressa foi publicada originalmente em 2009 –, a palavra “macumba” é descrita com dez acepções.

A data informada pelo dicionário para a primeira ocorrência é a de 15 de abril de 1880, no *Jornal do Commercio*; porém, em nossas pesquisas, encontramos, no *Jornal Diario de Noticias*, uma abonação ainda mais antiga, 6 de dezembro de 1870a.

macumba (1880 cf. JCom 15 abr.)

substantivo feminino

1 REL designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas (p.ex., de Angola e do Congo), e tb. ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas

2 REL; *B* o ritual celebrado nesses cultos

3 *p.ext.* designação leiga dos cultos afro-brasileiros em geral (e seus rituais respectivos)

3.1 *freq.*; REL; *B* designação leiga desses cultos quando supostamente praticam a magia negra - cf. **quimbanda**

4 *p.met.*; REL; *B* oferenda a Exu, esp. nas encruzilhadas; despacho

5 *p.ext.* em sentido lato, magia negra, feitiçaria; feitiço, despacho *<até m. já fizeram para (ou contra) ele>*

6 *RJ* no início do séc. XX, filha de santo da nação cabinda

7 em terreiros do nordeste do Brasil, excremento

8 MÚS, REL; *B* antigo instrumento de percussão de origem africana, espécie de *canzá* que consistia num tubo de taquara com cortes transversais onde se friccionavam duas varetas, e que era outrora usado em terreiros de cultos afro-brasileiros

9 ousadia, audácia

10 (1917) *RJ*; *obsl.* m.q. **maconha**

sinônimos

ver sinonímia de *feitiço*

No Dicionário da Língua Portuguesa, da Academia de Ciências de Lisboa, (Macumba, 2011), podemos encontrar a palavra “macumba” com quatro acepções: sendo a primeira ligada à religião, sincrética, em que há elementos do cristianismo, animismo africano e crenças ameríndias; a segunda ligada ao ritual com dança, canto e tambores; a terceira é associada à prática de magia negra, bruxaria ou feitiçaria; e, por fim, na quarta acepção, aparece a palavra ligada ao instrumento musical de percussão (Macumba, 2011).

macumba

DLPC 2001

nome feminino

brasil

1.RELIGIÃO religião comum no Brasil, que associa elementos do cristianismo, do animismo africano e de crenças ameríndias

2.RELIGIÃO ritual dessa religião que inclui danças e cantos ao som de tambor

«Então resolveu fazer a viagem só para vir consultar o pai de santo Jubiabá que curava tudo na sua macumba no Morro do Capa Negro.» (J. Amado, , p. 30)

3.prática de magia negra, bruxaria ou feitiçaria

4.MÚSICA instrumento musical de percussão, de origem africana, que produz um som de rapa

ETIMOLOGIA Do quimbundo *ma'kūba* (Macumba, 2011).

Quadro 1 – Quadro comparativo

Data	Dicionário	Acepções												
		Rito Espiritualista	Culto afro-brasileiro	Cerimônia	Oferenda / Despacho	Feitiço	Magia negra	Instrumento musical	Filha de santo	Excremento	Maconha	Bruxaria	Ousadia / Audácia	Quimbanda
1926	Cândido de Figueiredo	X												
1958	Aulete		X	X		X		X						
1975	Aurélio	X	X					X	X			X		
1986	Aurélio	X	X					X	X			X		
1999	Michaelis		X	X	X			X	X					
2001	ACL	X	X					X	X					
2009	Houaiss	X	X		X			X	X	X	X		X	
2010	Aurélio	X	X					X	X			X		X
SEM DATA	Aulete		X		X									

Fonte: própria autoria (2024).

As acepções apresentadas pelos dicionários refletem a rica polissemia dessa unidade lexical. É possível observar que os dicionários mais recentes foram agregando novas acepções, refletindo as mudanças semânticas.

Em relação a algumas dessas acepções, não encontramos seu emprego em textos, como nos casos de “maconha” e “excremento”, não sendo possível as suas atestações.

4.1.2. Dicionários etimológicos

A busca pela etimologia da palavra “macumba” nos levou a pesquisar os dicionários etimológicos. Ao pesquisar sobre a origem da palavra “macumba”, percebemos esses desencontros de conceitos e a ausência de origem dos étimos, tal como fica evidenciado no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado de 1956:

Macumba¹, s. Feitiçaria. Segundo Renato Mendonça (*A Influência Africana no Português do Brasil*, p. 211, s. v.), é termo africano.

Macumba², s. Instrumento músico. Provavelmente de origem africana; Renato Mendonça (ob. antes cit.) registra este voc., mas não lhe atribui origem. Estará relacionado com *macumba*¹? (Machado, 1956).

Machado (1956) evita relacionar categoricamente as duas acepções, sugerindo que possa ser um caso de homonímia; também é muito cuidadoso ao afirmar que é “provavelmente” de origem africana, citando Renato Mendonça.

Nascentes no seu “Dicionário etimológico da língua portuguesa” de 1932, não registra a palavra “macumba”, curiosamente, é somente na versão resumida, “Dicionário etimológico resumido” de 1966, que ele faz o seguinte registro de acepção: “Macumba. Do quimbundo ma’kūba “cadeados, fechaduras”. Prende-se às cerimônias do fechamento de corpos” (Nascentes, 1966). Antenor Nascentes é o primeiro dentre os estudados neste trabalho a atribuir a origem a uma língua específica, no caso, o quimbundo.

Francisco da Silveira Bueno (1968) vai designar a palavra “macumba” assim “Macumba - s.f. Sessão de feiticeiros, espíritas, candomblé, feitiçaria, magia negra. Origem africana” (Silveira Bueno, 1968).

Podemos ver que a palavra foi adquirindo novos conceitos com cargas semânticas muitas vezes pejorativas, como já foi visto anteriormente ao tratarmos das acepções dos dicionários e como no caso supracitado de “magia negra”. Aprofundaremos esse tópico em 4.1.1. Conforme visto anteriormente, a acepção de “magia negra” aparece nos dicionários gerais desde a edição de Aurélio (1975).

O etimólogo Antônio Geraldo da Cunha, em seu dicionário (1982), assim a define:

macumba *sf.* “antigo instrumento musical de origem africana usado outrora nos terreiros” “termo genérico para cultos afro-brasileiros” “quimbanda” “despacho de rua” xx. Do quimbundo, mas de étimo controverso || **macumbEIRO** XX (Cunha, 1982, grifo do autor).

O Grande Dicionário Houaiss retoma três hipóteses etimológicas:

Macumba

Etimologia

Orig.contrv.; o DCAB {Dicionário de Cultos Afrobrasileiros} sugere o quimb. ma no sentido de 'o que assusta' + kumba no sentido de 'soar (assustadoramente)' ou o pref. pl. maku + mba no sentido de 'sortilégio';

Nei Lopes (Dicionário banto do Brasil) aventa o quicg. makumba derivado de(o)

pref. pl. ma + kumba no sentido de 'prodígio';

Antenor Nascentes e Jacques Raymundo a ligaram ao quimb. makumba, pl. de dikumba no sentido de 'cadeado, fechadura', pelas “cerimônias de fechamento de corpos” que ocorrem entre os rituais desse culto. (Macumba, 2024).

4.1.3. Dicionários especializados

Encontramos alguns dicionários especializados que abordam o tema religioso na qual a palavra “macumba” está inserida. Há vários significados, tais como: relacionado ao candomblé, sessão de terreiro, instrumento musical, seita e uma forma preconceituosa para oferendas.

MACUMBA — Significa Candomblé. Sessão de terreiro. A Macumba nada mais representa do que uma cópia fiel do que se praticava antigamente com respeito ao culto pagão das Divindades, por eles cultuadas no seu ponto de origem e que, embora se assemelhando em tudo a uma forma do Espiritismo, se personaliza de um modo todo especial o qual, por meio de gestos, cantos e danças, acompanhados de farto e vibrante material sonoro, entremeados de rodopios com fundo cabalístico, numa coreografia essencialmente policrômica e folclórica, são dançados e riscados os seus rituais, ao som dos Atabaques, Macumbas, Agogôs, Tambores, Rumpis, Agês, Adejás Xaquexaques, etc. Na Macumba, o chefe de terreiro é o PAI-DE-SANTO que, como tal, possui todas as características de mandante. Ele ordena todas as celebrações dos Gingos, mandando executar as macumbas, curimbas ou cangiras, durante as quais são atendidos todos os filhos de fé. Para dar ajuda aos Pais-de-Santo ou Mães-de-Santo, instruem-se os Ogãs e os Cambonos, quando fazem parte do setor masculino, e Mães-Pequenas, Jabonans e Sambas, no setor feminino. Fazendo parte do terreiro, vêm, a seguir, os Filhos ou Filhas-de-santo, que são os médiuns já desenvolvidos ou ainda em desenvolvimento, que cedem seus corpos à manifestação dos Orixás. Como parte do ritual, existem os pontos cantados e riscados, os quais são puxados ao som dos instrumentos que fazem parte da orquestra. (PINTO, 1975, p. 119)

Macumba. Certa seita. Instrumento musical de guerra. “Após a abolição da escravatura, este instrumento foi usado para chamar os adeptos aos cultos dos ancestrais no Rio de Janeiro. A palavra se estendeu para a seita. Hoje, usado de forma preconceituosa para todas as oferendas aos deuses (externas).” (GONÇALVES, 1995, f. 14)

Mais recentemente, podemos encontrar a palavra “macumba” ligada à feitiçaria, despacho, rituais de fechamento de corpo, etc. (acepção essa que aparece, pela primeira vez, no dicionário de Aulete, 1958, conforme já apontado na seção 4.1.1). Cid Franco (1970, p. 224), apresenta uma definição inteiramente copiada do Aulete (1958):

Macumba é o nome de um culto fetichista afro-brasileiro com influência cristã; cerimônia desse culto, realizada em **terreiro**, sob a direção do **pai-de-santo** ou da **mãe-de-santo**, com cantos e danças ao som de instrumentos de percussão. Na Bahia, candomblé.

No Maranhão, tambor-de-mina, tambor-crioulo.

Em Pernambuco e Alagoas, xangô.

No Pará, babaçuê.

Macumba é também feitiço, coisa-feita, despacho, ebó.

Tem o mesmo nome do instrumento musical de percussão, com um som de rapa.

Macumbeiro é o adepto da macumba. Feminino, macumbeira.

Origem africana.

Azevedo (2012, p. 162) também traz essa questão do uso pejorativo da palavra “macumba” em três de suas quatro acepções, conforme se pode observar a seguir:

MACUMBA Nos ritos*^g afro-brasileiros, convergência de vários termos de origem banto, com significados diversos. (1) Filha de santo em terreiro de candomblé* de nação cabinda. Como essas “macumbas” eram desprezadas pelos adeptos do candomblé nagô, pelo fato de incorporarem diversas divindades (e não só seu orixá* de cabeça), o termo tornou-se uma forma pejorativa de referir-se à religião por elas seguida, no sentido de feitiçaria, magia* negra ou superstição, e não de rito religioso genuíno. (2) Termo genérico e pejorativo usado por leigos para designar todos os cultos*^g de origem africana e suas práticas, particularmente as oferendas aos deuses, vistas como feitiçaria. (3) Forma pejorativa pela qual os adeptos da umbanda* “branca” designam a quimbanda*. (4) Instrumento musical trazido pelos bantos: tipo reco-reco. Por extensão, rito religioso no qual ele é usado. O “macumbeiro” é o praticante (tocador de macumba, chefe de terreiro ou simples feitiçeiro) ou adepto (assistente dos ritos, iniciado ou não) da macumba. (E.D.G.) (Azevedo, 2012, p. 162)

Van Der Poel (2013, p. 593), por sua vez, comenta sobre a dificuldade de obtenção de dados objetivos a respeito da história da macumba. Vale ressaltar que o autor apresenta os estudos de diversos pesquisadores sobre o tema, evidenciando as mudanças no entendimento do termo ao longo dos anos:

MACUMBA | [Do quicongo “macumba”, murmúrios.] É difícil conseguir dados claros e objetivos sobre a história e o significado social e religioso da macumba. Talvez tenha sido o culto afro dos pobres, diferente do candomblé, que é bem mais organizado. ♦ Em 1934, Luciano Gallet.¹⁶ descreveu a macumba como de origem **cabinda** e, portanto, banto do norte de Angola. A filha de santo em terreiro de candomblé banto de nação cabinda é chamada de macumba.¹⁷ Em 1934, Arthur Ramos a definiu como “culto banto dos negros do Rio de Janeiro”¹⁸ e, em 1935, como “primitivo instrumento musical e centro de feitiçaria”¹⁹. Segundo Roger Bastide, a macumba corresponde ao “mínimo de unidade cultural necessária à solidariedade dos homens face a um mundo que não lhes traz senão insegurança, desordem”²⁰. Valdeli Carvalho da Costa analisou a lenta introdução dos orixás de origem nagô nestes terreiros, entre 1904 e 1934.²¹ ♦ Observa-se que, na macumba e nos cultos da nação cabinda, o filho de santo recebe, uma após outra, várias entidades, e não uma só como acontece no candomblé iorubá. ♦ A macumba certamente contribuiu para o surgimento da **umbanda**, nome genérico dos cultos afro-brasileiros com influências católicas e espíritas, sobretudo no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No

Maranhão, a cidade de Codó, na zona do cerrado, carrega a fama de ser “a terra da macumba”. ♦ Hoje, a palavra macumba é uma designação associada, às vezes de forma pejorativa, a algumas tradições da umbanda ou mesmo ao candomblé; ver Canjerê. ♦ Existem, entre os católicos, certas práticas que visam a *atrapalhar a macumba* e impedir que os guias baixem no terreiro; p.ex., basta rezar um credo antes do começo da cerimônia e **cruzar** os braços para que nenhum guia desça, seja de direita ou de esquerda. (inf.: E.S.G., São Paulo-SP/1996.) ♦ Terreira de **quimbanda**. ♦ Despacho ou feitiço. Achar uma macumba numa encruzilhada ou na porta. A capoeira do grão-mestre Dunga canta: (solo:) *Quem me jogou macumba/ Essa macumba não me pegou.*/ (grupo:) *Quem te jogou macumba/ essa macumba não te pegou.*// (solo:) *Eu tenho fé em Deus/ essa macumba não te pegou.*// (grupo:) *Você tem fé em Deus/ Essa macumba não te pegou.*// *Eu sou pai de santo/ Essa macumba não me pegou.*// *Eu sou capoeira/ Essa macumba não me pegou.*// (Belo Horizonte-MG/2000). ♦ >> LUZ, Marco Aurélio; LAPASSADE, Georges. O segredo da macumba. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. (Van Der Poel, 2013, p. 593)

4.2. História das atestações da palavra “macumba” e seus derivados

Para o etimólogo, o que o norteia em seu trabalho, como já mencionado, é o *terminus a quo*, o momento da gênese da palavra no sistema da língua, e não o simples registro de palavras semelhantes, ou até mesmo idênticas, com os mesmos fonemas. Em outras línguas, porém, esses registros podem servir como pistas a serem seguidas.

O etimólogo pode com essas palavras pistas, ir se norteando e traçando possíveis caminhos percorridos pelos falantes, por suas etnias, que ao usarem tais palavras, se interligam de forma sociocultural, e transmitem a outras etnias, e a outros povos, as suas culturas e tradições. Esse processo é que apresentaremos nas próximas seções em relação à etimologia da palavra “macumba”.

Vale já destacar o fato de essa palavra ser tão polissêmica que sua origem é incerta; os primeiros registros dela em língua portuguesa brasileira remetem apenas aos jornais impressos do século XIX.

4.2.1. A palavra “macumba” numa gramática do quimbundo

Em 1805, foi publicada a “Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense”, que trata da questão do estudo e do ensino de gramática sobre a língua quimbundo. Nele o escritor italiano, o frei capuchinho, Bernardo Maria de Cannecattim, registra as palavras em quimbundo “*ricúmba*” (o cadeado) e o seu plural “*macumba*” (os cadeados). Não seria então essa uma atestação válida para a etimologia da palavra macumba na língua portuguesa. No entanto, essa pode ter sido a fonte para a hipótese etimológica proposta por Nascentes (1966).

4.2.2. A palavra “macumba” num erro tipográfico

Um fato interessante existe no poema “A Canção”, de António Cândido Gonçalves Crespo, escrito originalmente em 1870 e publicado em 1871 (Crespo, 1871). Em um texto de Luciano Cordeiro, publicado em 1874 (Cordeiro, 1874, p. 157), que comenta esse poema, a palavra “mucamba” é impressa com as vogais “a” e “u”, possivelmente trocadas erroneamente, o que resultou na palavra “macumba”: “Um dia encontraram na escura senzala / O catre da bella macumba vazio” (Crespo, 1871). Podemos ver ainda na impressão anterior de 1871, impressa na Universidade de Coimbra, a frase do poema assim registrada: “O catre da bella mucamba vazio” (Crespo, 1871).

No Dicionário de Francisco Júlio de Caldas Aulete, publicado pela Imprensa Nacional em 1881, encontramos os respectivos registros de mucama e mucamba, assim com a devida abonação com os versos do poema “A Sésta”, de Crespo (1871).

Mucama (mu-kâ-ma), s. f. nome que na África e no Brazil se dá á escrava ou creada que acompanha a cadeirinha, em que a senhora sai a passeio. [No Rio de Janeiro chamam-lhe mucamba, na Bahia e Pernambuco mumbanda, e em algumas outras províncias macuma.] (Aulete, 1881).

Mucamba (mu-kan-ba), s. f. V mucama: Enquanto a mucamba nos ares agita um leque de plumas. (Gonç. Crespo.) (Aulete, 1881).

Teria alguma ligação a palavra “macumba” com a palavra “mucamba”? Aprofundaremos esse tópico a seguir.

4.2.3. A primeira atestação indubitável da palavra

A primeira atestação indubitável pode ser encontrada nas páginas do *Jornal Diário de Notícias*, impresso no Rio de Janeiro no ano de 1870, edição 107, página 1, no classificado policial (Reis, 1870), onde podemos ler o caso do feiticeiro Juca Rosa. A partir da notícia “Importante diligencia policial. Processo De Juca Rosa” (Reis, 1870), fica entendido que a palavra “macumba” está ligada ao instrumento musical: “que a cerimonia com o titulo brincadeira, de que se tem fallado, consistia em reunir-se no lugar uma porção de homens e de mulheres ante um altar onde se tocavam macumbas, cantando-se em lingua africana, e dançando-se eroticamente” (Reis, 1870).

Um ano depois no *Jornal O Despertador*, impresso em Santa Catarina no ano de 1871, podemos ver a palavra macumba sendo usada como um neologismo para se referir claramente a um instrumento musical.

Afirmão essas testemunhas, a maior parte por ouvirem dizer e poucas por terem visto-que o primeiro recorrente, vestido de modo especial, e coadjuvado pelo segundo, exercia sua indicada profissão dançando diante de um altar de Nossa Senhora da Conceição, ou do Senhor do Bomfim, ao som de um instrumento chamado -macumbatocado pelo segundo recorrente, que também prestava serviços, e trazia de sobre o altar as raízes ahi depositadas que o “pai” o primeiro recorrente, queria dar a quem o consultava. A dança, dizem, tornava-se vertiginosa e o primeiro recorrente a final cahia e dormia, estando então com o santo na cabeça; e quando accordava resolvia as consultas. (DIVERSAS OCCURENCIAS, 1871)

Em 1872, na capa da edição de número 279, do *Jornal A República* (Noticias, 1872), encontramos o classificado de notícias, nele aparece a palavra “macumba” sendo usada como apelido de Julio Macumba, um capoeirista, preso pela polícia por causar desordens: “**Capoeira.-** A policia acaba de capturar o celebre desordeiro Julio Lopes de Olliveira, vulgo Julio Macumba, camarada e companheiro de Ignácio João Dias, ha pouco preso” (Noticias, 1872).

No livro de Alexandre José de Mello Moraes, “Os ciganos no Brazil, contribuição ethnographica”, escrito em 1886, podemos encontrar versos que seriam ligados ao candomblé, na qual a palavra macumba estaria, segundo o autor, possivelmente ligada ao instrumento musical.

Eis um verso do candomblé do *Pendura- Saia*:
 Ganga ¹, olha na macumba ²,
 Teu pai era um *banda* ³, ganga !
 Olha na macumba, ganga,
 Ganga, olha na macumba !
 [...] ¹ Senhora.
 [...] ² Instrumento musico.
 [...] ³ Chefe, feiticeiro (Mello Moraes, 1886, p. 191).

Seria a palavra “macumba” originária do instrumento musical? No caso o instrumento seria um idiofone, um tipo de reco-reco. Segundo Marcondes (1977), no Brasil, seria algo comum dança e instrumento musical acompanhador terem o mesmo nome, assim, “é possível que no culto religioso homônimo se tenha utilizado do instrumento, daí nascendo seu nome” (Marcondes, 1977, p. 438).

A palavra macumba, desde o início, carrega em si uma carga de negatividade, estigma, preconceito e tabu. Pode-se perceber o uso pejorativo exemplificado na tira do classificado da edição 105, de 15 de abril de 1880, do *Jornal do Commercio* (Os Candomblés, 1880), no qual a palavra “macumba” foi usada para designar um tipo de dança, tolerada, porém marginalizada, que estaria a gerar algum tipo de incômodo social em diversos bairros do Rio de Janeiro – a então capital imperial portuguesa vigente no Brasil.

Ao Sr. Dr. chefe de policia. Chama-se a attenção de S. Ex. para certas casas de dar fortuna, pelas ruas do Sabão, Senhor dos Passos e Alfandega, onde se reúne a peor gente, para dansar a tal macumba, e consta que têm licença para isto, incomodando assim a vizinhança. Os candomblés. (Os Candomblés, 1880)

Temos duas informações pertinentes a serem observadas. Primeiramente, a assinatura da nota que está em nome de “Os candomblés” nos revela uma certa disputa que se perpetua até os nossos dias entre os grupos afro-brasileiros; a outra informação é o emprego de “tal” em “tal macumba” a indicar que a palavra era sentida como nova e que não era conhecida por todos.

4.2.4. As acepções da palavra

Na atestação anterior, apresentada no dicionário Houaiss como sendo a primeira, de 1880, podemos ver a palavra “macumba” ligada à dança. Talvez essa acepção da primeira atestação registrada em dicionário esteja ligada a um tipo de dança de finalidade religiosa, de culto sincrético e popular. A atestação duvidosa de “macumba” como sinônimo de “mucama” seria referente a uma pessoa.

Nei Lopes (2006) associa a palavra “macumba” a outros elementos, tais como o instrumento musical de percussão, assemelhado a um reco-reco – sendo que esse teria origem banta. Também podemos encontrar no dicionário Houaiss, a palavra “macumba” designando um tipo de instrumento musical de percussão africano antigo (Macumba, 2024).

Moraes Filho, no seu livro “Festas e tradições populares do Brazil”, de 1888 no capítulo “Tradições”, relata sobre a festa anual da coroação de Reis Cabinda. Nessa celebração, ocorrida 147 anos antes da publicação do relato do autor, especificamente no dia 3 de dezembro de 1748, estavam presentes escravos de diversas nações africanas e precediam a coroação batucadas acompanhadas dos sons de sinos, de caixas de guerra, de chocalhos e “de rapa das macumbas em grande número”. (Moraes Filho 1888, p. 347)

Apenas amanhecia o dia de Reis , o campo de S. Domingos, nas proximidades da capella, opulentavase de um espectáculo variado e estranho, em que moçambiques, cabundás, banguelas, rebôlos, congos, cassanges, minas , a pluralidade finalmente dos representantes de nações d'Africa , escravos no Brazil, exhibião-se authenticos , cada qual com seu caracteristico differencial, seu typo proprio, sua esthetica privativa. (Moraes Filho 1888, p. 346)

Em breve, a vozeria confusa que se escutava lá fóra , callava-se ; os sinos repicavão mais vibrantes e rapidos, produzindo esta mudança de effeito o rolar surdo das caixas de guerra, o som de rapa das macumbas em grande numero, a queda sonoramente uniforme dos chocalhos enfeitados, de barbara marcha precedendo o prestito. (Moraes Filho 1888, p. 347)

Em 1905, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, brasileiro ilustre, foi jornalista, cronista, contista, romancista, tradutor, teatrólogo, e membro da Academia Brasileira de Letras. O escritor registra no seu livro intitulado “As Religiões no Rio” (Rio, 1905) a ligação da palavra macumba ao povo cabinda/cambinda: “As filhas-de-santo *macumbas* ou *cambindas* chegam a ter uma porção de santos de cada vez, manifestando-se na sua cabeça. Sabe V.S. o que cantam eles quando a *yauô* está com a crise?” (Rio, 1905).

No texto de João do Rio, a palavra parece ter a acepção de um povo, os “macumbas”. Seriam os mesmos “macumbas” pertencentes à nação Macumbé? Esse tópico será retomado mais a frente.

Na Revista do Brasil n.º. 48 de 1919, podemos ver a palavra “macumba” ligada a algum tipo de prática religiosa ou de feitiçaria associada ao uso de ervas medicinais.

O inquérito veio a correr, ou melhor, a arrastar-se sem esperança de resultado; e a Inscipção em hespanhol, no punhal, fazia que as autoridades policiaes prendessem, não só todos os súbditos do rei de Hespanha que encontravam á mão, como também colombianos, argentinos, chilenos, e até um philippino azeitonado foi preso, apesar de ser um simples e inoffensivo malaio vagabundo e cabelludo, que vivia a catar hervas medicinaes para vendel-as aos herbanarios da rua Larga e aos chefes de macumbas e candomblés dos suburbios longínquos. Tudo em pura perda.

Encontramos impresso nas páginas da Revista Careta, respectivamente na página n.º. 42, da edição n.º 643 de 1920, a crônica de Lima Barreto, intitulada de Arte de governar, onde a palavra macumba está interligada à palavra “festa”.

Epi era pequenino e vaidoso mais pequeninos e vaidosos do que elle, porém, os que o cercava. Gostavam de festas e macumba e logo que o viram no throno, trataram de arrumar muita festança. (Barreto, 1920b, p. 42)

No ano de 1923, temos a música do compositor Sinhô, gravada nos estúdios da Odeon, sendo interpretada pelo cantor Baiano, com o acompanhamento do Grupo Escola 13, intitulada “Macumba Gegê”. Nessa música, hoje em domínio público, visualizamos em seus versos uma clara referência à macumba ligada à feitiçaria.

Macumba Gegê

Estás falando de mim
Eu não ligo não
é a mágoa que tens
no teu coração

Eh! Gegê
meu encanto
Eu tinha medo
se não tivesse bom santo

A inveja é um fato
que nunca tem fim
Podes vir de feitiço
pra cima de mim (Sinhô, 1923)

Em 1928, Mario de Andrade, em seu célebre livro “Macunaíma”, nomeia o capítulo 7 de “Macumba”, onde será abordada a temática de feitiçaria e um clamor de vingança por parte de Macunaíma contra Venceslau Pietro Pietra, que havia roubado o seu amuleto muiiraquitã: “Era junho e o tempo estava inteiramente frio. A macumba se rezava lá no Mangue no zungu da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãe-de-santo famanada e cantadeira ao violão”.

Graça Aranha, no seu livro “A Viagem Maravilhosa” de 1929, descreve uma cena na qual a macumba é sambada/dançada:

A rainha de Luanda cantava no compasso da dança. O frenesi crescia. A camisa alva, transparente, chegava apenas às coxas oleosas, cobrindo o ventre e os quadris, que enegreciam a brancura da cambraia. Continuou a dançar, concentrada, fervorosa. Os devotos batiam as mãos pesadas e as cabeças duras. As vozes altas, esganiçadas, das mulheres erguiam-se sobre as vozes baixas e roucas dos homens. Dançavam aos berros frenéticos, exasperados de devoção e luxúria. O pai de santo animava-se com os seus lamentos piedosos. Amélia arrancou a camisa. Delírio. A negra esguia, flexível, ardente, empinava a cabeça e os peitos. O ventre entrava, os quadris retezavam-se, o sexo empombava. Eh! Macumba. (Aranha, 1929, p. 288-289)

Já em 1933, Leal de Souza, escritor, poeta e jornalista e estudioso da umbanda, no seu livro “O Espiritismo, a magia e as sete linhas da umbanda”, no capítulo 13, vai se referir à macumba como um tipo de música, baseada em batuques, tocada ao ritmo de tambores e alguns instrumentos de origem africana: “Essa música, bizarra em sua irregularidade soturna, não

representa um acessório de barulho inútil, pois exerce positiva influência nos trabalhos, acelerando, com as suas vibrações, os lances fluídicos” (Leal 1933). Sendo assim, a música macumba seria o gatilho para que se concretizasse o ritual mediúnico dentro dos trabalhos espirituais da umbanda.

Podemos ver no livro Jubiabá, do escritor Jorge Amado, publicado no ano de 1935, no capítulo intitulado “Macumba”, o exemplo de uma reunião de culto religioso, no caso o candomblé baiano, celebrada ao som de instrumentos musicais rítmicos, gerando “sons misteriosos da macumba”: “Da casa do pai-de-santo Jubiabá vinham sons de atabaque, agogô, chocalho, cabaça, sons misteriosos da macumba que se perdiam no pisca-pisca das estrelas, na noite silenciosa da cidade. Na porta, negras vendiam acarajé e abará” (Amado, 1930, p. 97).

Podemos ver também “macumba” sendo usada em 1888 em uma revista portuguesa intitulada O Recreio: revista semanal literária e charadística. Nela podemos ver na edição de nº. 14 a charada:

Esta planta que aqui vê, -1,5,11,12,23, 17,2,19,9,2 Na cidade capital ; -19,9,10,3,7,5 Transforma- se n'um quadrupede -2,6,9, No lugar de Portugal. -11,5,18,20,11,13, 18,13 9,16,2,10 Dizem uns que sou mulher-14,7,21,15, 8,9,17,2 Outros, villa mui vulgar ; -18,5,4,11,23, 19,19,15,10 Dizem outros ser um rio-19,2,22,7,21 Sendo apenas um lugar16,9,19,20,9,8,15,10 É no fim d'esta massada, Tome nota no que digo: Que no todo só verá, Um mineral conhecido (O Recreio, 1888).

Revelada na edição de nº 16:

DECIFRAÇÕES DO N.º 14 N.os 1 , Parabens, -2, Araraboia-3, Alabanda. 4, Yacúpemba. -5, Pão Do ce. -6, Pataca- Pacata. -7, Garrocha.- 8, Mofino. -9, Tanado. - 10, Abatimento. 11, Travessa.-12, Desmancha.- 13, Ana dia.- 14, Abastecido. 15, Bispar. -16, Marvão. -17, Galagata. - 18, Ganapé. - 19, Macuna. -20, **Macumba. -21**, Maba la. 22, Avaca. -23, Macina. -24, Ma chucação.-25, Rabirou. -26, Ribicora . -27, Azapé. -28, Baliana. -29, Emeren , ciana. 30, Labradorische Hornblende. 31, Osculo. -32, Lipothymia. - 33, Para para.-34, João Pedrosa. -35, Coelho fu gido conselho havido. -36 , Facha- Prata Viola.-37, AvellaR PalhaEs- Bran - Cal MarReca AzEvedo Plmenta Ortigão (O Recreio, 1888, grifo nosso).

Podemos ver, na charada, a palavra “macumba” enumerada com vigésima primeira – Macumba. -21 – sendo usada para designar mulher e/ou rio. Pode-se ainda hoje encontrar um rio na Austrália nomeado como Rio Macumba (Macumba River, 2023); quanto à ligação da palavra macumba à ideia de mulher, de onde teria vindo? Talvez uma possível associação de mucamba/macumba – tópico a ser aprofundado mais a frente.

4.2.5. Os derivados “macumbeiro”, “macumbaria” e “macumbar”

O primeiro registro encontrado no Google Books para a palavra “macumbeiro” encontra-se no livro *Histórias e Sonhos*, de Lima Barreto, publicado em 1920, onde podemos encontrar o registro da palavra “macumbeiro” ligada às palavras “feiticeiro” e “médium”.

O padre, para grosso do povo, não se comunica no mal com ella ; mas o medium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus trancos, recebem, entretanto, almas e espiritos que por já não serem mais da Terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e immensa sabedoria (Barreto, 1920a, p. 16).

Porém, em 1870, na capa da edição nº. 98 do *Jornal Diário de Notícias*, em matéria policial no caderno de classificados, aparece a palavra “macumbeiro” relacionada ao termo “consultante”, sendo este como aquele que buscou os “sortilégios”, que consultou ao “pai Quibombo” (Reis, 1870, p. 1). No caso o réu narrado no texto, nomeado com a alcunha de “Juca Rosa”, e que esse usufruía de seguidores que lhe serviam, os “acólitos”.

Em seguida a este acto em que Juca Rosa parecia epiletico, o *macumbeiro* (*consultante*) era novamente interrogado, e á sua vista se despedaçavam as azas de um galo preto, sacrificado em acto continuo, e cujo sangue era dividido por todos aquelles sacerdotes da maldade e do crime (Reis, 1870, p. 1, grifo nosso).

Há ainda o excerto de Mello Barreto Filho e Hermeto Lima sobre aspectos da cidade e da vida carioca (1873-1889), em *História da política do Rio de Janeiro*: “O que dizia, o que afirmava, pesava como um dogma nos espíritos fracos das mulheres suas *consulentes* e, quiçá, sobre alguns homens” (Barreto Filho; Lima, 1944, grifo nosso).

Interessante notar que na edição nº. 102 do *Jornal Diário de Notícias*, José Sebastião da Rosa, conhecido como Juca Rosa, autodefinia-se como “feiticeiro” ou “macumbeiro”.

Pae Quibombo, tal era a denominação de Sebastião Rosa, dizia-se feiticeiro ou *macumbeiro*, exercendo uma funesta influencia, principalmente ou quasi exclusivamente, sobre as mulheres, de cujo espirito fraco e exaltante se apoderava, tornando-as, não só victimas dos seus brutaes e desenfreados desejos, como de constantes exigencias pecuniarias, que a muitas levava ao ultimo degráu de miseria, ao derradeiro degráu do prostibulo. (Reis, 1870, p. 1, grifo nosso)

Assim podemos perceber que a palavra “macumbeiro”, desde 1870, apresenta dois sentidos: um sentido “passivo” registrado em 1870, associado àquele que busca uma consulta e/ou um trabalho espiritual, “consulente”; e um sentido “ativo”, que se refere àquele que realiza

um trabalho espiritual e detém a capacidade de fazer feitiços, um “feiticeiro” – como era o caso de Sebastião Rosa. Entretanto, a essa palavra, também foram acrescidas conotações depreciativas, estigmatizando-a, marginalizando tudo a que essa palavra se relaciona.

Voltando ao Google Books, encontramos o derivado “macumbaria” somente a partir de 1964, na revista *Relações Humanas*, quadrimestral, impressa pela Publicações do Instituto de Relações Sociais e Industriais de São Paulo, Brasil, em cooperação com o Centro de Informações e de Ação Social. Nessa revista, podemos encontrar, a palavra “macumbaria” ligada às práticas de feitiçaria (*Relações Humanas*, 1964, p. 51). Infelizmente o autor do texto é desconhecido, assim como o restante dele, pois o Google não disponibiliza a totalidade do material, apenas fragmentos na consulta.

No trecho, “Disse que há muita macumbaria e o povo tem pouca religião. O padre costuma fazer festas juninas para conquistar as crianças para a Igreja” (*Relações Humanas*, 1964, p. 51), as oposições “pouca” e “muita” denotam claramente uma ideia negativa de “pouca religião” e “muita macumbaria”.

Outro exemplo de uso pejorativo da palavra “macumbaria” está estampado na página 48, da revista *Manchete*, número 1023, do ano de 1971. Nesse artigo jornalístico, o autor Celso Kinjô denuncia os pastores midiáticos, pois esses estariam prometendo “conceder” os “pedidos de graça” solicitados pelos fiéis ouvintes na rádio. As justificativas dos pastores para isso eram existir “os perigos da macumbaria” e as “tentações do demônio”, conforme relato:

Todo dia, a partir das 4 horas da manhã, Jesus entra nos lares de São Paulo pelas ondas do rádio. Nas vozes de diferentes locutores que se intitulam Seus apóstolos, o Salvador promete conceder, através desses intermediários eletrônicos, pedidos de graça. Adverte sobre as “tentações do demônio” e “os perigos da *macumbaria*” e avisa aos interessados que não recusará donativos (Kinjô, 1971, p. 48, grifo nosso).

Como podemos perceber pelas datações do registro, que o uso da palavra “macumbaria” é algo bem recente, sendo empregada de forma depreciativa e preconceituosa. O verbo “macumbar”, que não está registrado em nenhum dos dicionários gerais que consultamos, aparece numa canção de Ataulfo Alves de 1958:

Macumbê Macumbá

Você foi ao feiticeiro
Procurar me derrubar

Macumbou o ano inteiro
Mas não deu prá me tombar

Macumbê macumbá
Eu também sei me virar
Macumbê macumbá
Já cansei de lhe avisar
Macumbê macumbá
Não é mole derrubar
Macumbê macumbá
Tronco de jequitibá.

4.2.6. A palavra “macumba” aparecendo em textos de outras línguas

A palavra “macumba” aparece como o nome de um rio na Austrália, mas certamente não tem nenhuma relação com a palavra portuguesa, tratando-se de um caso de homonímia. “Rio Macumba (Arabana: Maka-Wimpa; Arrente: Ura-Ingka), já conhecido como rio Treuer, é um rio sinuoso no extremo norte do estado da Austrália Meridional e parte do lago Eyre Basin”¹ (Macumba River, 2023, tradução livre).

4.2.7. Seria “macumbê” cognata de “macumba”?

Em nossas pesquisas, encontramos a palavra “macumbê”, que talvez seja cognata da palavra “macumba”. No livro *Os climas e as produções das terras de Malange á Lunda*, escrito por Agostinho Sisenando Marques (1889), a palavra “macumbê” aparece ligada a uma espécie de árvore, um tipo de baobá: “O macumbê, *Swartzia madagascariensis*, de porte inferior, mas também formosa algumas vezes” (Sisenando Marques 1889, p. 38).

Podemos encontrar no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Compreendendo*, de Cândido de Figueiredo de 1899, a seguinte acepção: “Macumbê, m. árvore africana (*Swartzia madagascariensis*)”.

No dicionário *Nuovo Dizionario Geografico Universale Statistico-Storico-Commerciale*, de 1830, encontramos na página 688 as atestações tanto da palavra “macumba”, quanto a “macumbê”, sendo as duas toponimos, onde Macumba (ou “Saçumba”) refere-se a uma província pouco conhecida do reino Monomotapa, localizada no sul de Zambese (o rio

¹ “Macumba River (Arabana: Maka-Wimpa; Arrente: Ura-Ingka), once known as Treuer River, is an ephemeral freshwater stream in the far north of South Australia, that is part of the Lake Eyre Basin”.

Zambeze divide os países Zimbabué e Zambia e deságua em Mocambique), e Macumbè, uma vila da capitania geral de Moçambique.

MACUMBA o SAÇUMBA, prov. dell'Africa orientale nel Monomotapa, sul Zembese, poco conosciuta .

MÁCUMBÈ , paese della capitaneria generale di Mozambico, nella parte occid. paese della capitaneria generale di Mozambico, nella parte occid. del gov. di Sofala. Tocca verso l'E. i legno di Manica. (Giuseppe Antonelli 1830, p. 688)

Podemos ver no jornal carioca, Jornal Correio Mercantil de 1853, em classificado de leilão, a citação de escravos leiloados, tanto da nação Cabinda (12.º Jacintho, nação Cabinda.) quanto da nação Macumbé (8.º Joaquim, nação Macumbé.) (Correio Mercantil, 1853, p. 2).

Seriam associadas as duas nações por ambas terem elementos negros de pele de cor mais acentuada, e os cabindas por serem, desde a sua origem na África, exogâmicos e terem o hábito de realizar “cruzamentos fora do grupo” (Barros, 1939, p. 47).

A seguir, consta a transcrição de um trecho do classificado do leilão supracitado, onde encontramos escravos de ambos os sexos, de várias nações e de diversas tonalidades de pele, com destaque a nação Macumbé (8.º Joaquim, nação Macumbé).

CORREIO MERCANTIL.

ANNO X. RIO DE JANEIRO. QUARTA-FEIRA 11 DE MAIO DE 1853. N. 131

Página 2

LEILÕES

“Hoje quarta-feira 11 de maio, leilão extraordinario de 30 escravos de ambos os sexos, todos de roça, por ordem dos Srs. Carvalho e Rocha, na rua de S. Pedro n. 63, por conta de quem pertencer.

Prosper Philigret faz leilão, hoje quarta-feira 11 de maio, dos escravos, como abaixo vão mencionados, na casa da rua de S. Pedro n. 63, de ordem dos Srs. Carvalho e Rocha, e por conta de quem maior lance oferecer, afiançando-se somente a boa venda.

1.º Cypriano, nação Cassange. 2.º Pedro, nação Monjolo. 3.º Antonio, nação Cabundá. 4.º Alexandre, nação Moçambique. 5.º Ventura, crioulo. 6.º Valerio, nação Benguella. 7.º Luiz, nação Moçambique. 8.º Joaquim, nação Macumbé. 9.º Thomé, nação Benguella.

10.º Francisco, nação Moçambique. 11.º Manoel, nação Congo. 12.º Jacintho, nação Cabinda.

13.º José, nação Moçambique. 14.º Joao, nação Congo. 15.º Luiz, nação Moçambique. 16.º Benedicto, nação Mina. 17.º Cândido, côr parda. 18.º Antonio Simão, nação Angola.

19.º Luiza, nação Nagô. 20.º Joanna, nação Rebola. 21.º Eva, crioula.

22.º Rita, nação Rebola. 23.º Ursula, nação Moçambique. 24.º Rita, nação dito.

25.º Antonia, nação Benguella. 26.º Gertrudes, nação dito. 27.º Joanna, nação dito.

28.º Mariana, nação dito. 29.º Domingos, nação Moçambique. 30.º Pedro, nação Monjolo.

O leilão principiará ás 10 1/2 horas em ponto.

CONDIÇÕES DO LEILÃO.

1.ª Todos estes pretos serão vendidos, afiando-se sómente a boa venda.

2ª Os Srs. compradores são rogados a examinar com atenção os escravos antes do leilão, pois que a nenhuma reclamação se annuirá depois que os mesmos forem arrematados.

3ª Todos os Srs. compradores deixarão um signal sobre cada preto que arrematarem.

4ª Corretagem, 2 1/2 por cento.

5ª Dinheiro á vista.”

Também temos a informação de um classificado do *House of Commons Papers*, que, em 1850, “os traficantes tentaram introduzir no Rio de Janeiro 14.572 africanos, desse total, 1.200 foram apreendidos pelos cruzeiros brasileiros, e 13.372 foram desembarcados ilegalmente” (Accioli, 2011, p. 2). Os senhores Carvalho e Rocha, traficantes de escravos citados no leilão do Jornal Correio Mercantil, eram os proprietários da embarcação Lionilda, que traficava de forma clandestina 560 escravos embarcados no porto de Cabinda e desembarcados no porto de Macaé.

O escritor Jacy Rêgo Barros, em 1939, no seu livro *Senzala e Macumba*, ao falar sobre o continente africano, relata as peculiaridades dos cabindas:

O todo continental, entretanto, é povoado, sendo essa enorme população repartida em agregados sociais e em estados culturais não homogêneos, grupos compostos de indivíduos de pele escura, é certo, mas que variam desde o bronzeado do etíope até o mais negro dos cabindas, indivíduos que, muito exogamicamente, realizam suas mestiçagens em cruzamento fóra do grupo, dentro do tódo africano, porém compersonagens que recuam os seus passados históricos a milênios, tendo assim

posições definidas em meio do grande ambiente bio-sociológico. Essas gentes teriam de certo as suas condutas próprias resultantes das relações mantidas entre os indivíduos dentro do grupo, e desses grupos entre si (Barros, 1939, p. 47).

Outro registro pertinente trata-se da “Sinópse dos inventários e testemunhas de Porto Alegre de 1851”, no qual podemos encontrar o obituário de Maria da Conceição do Carmo, que evidencia a sua origem africana, de *nação macumbé*.

MARIA DA CONCEIÇÃO DO CARMO - Preta forra - Faleceu a 18 de janeiro de 1851. Era natural da África, nação Macumbé, filha de pais incógnitos. Casou com o preto forro Luiz do Carmo, de quem teve 2 filhos que faleceram. (Fl. 1, antes 3. Liv 21) (Sinópse, s.d.).

Segundo o dicionário Michaelis, podemos encontrar na região sul do Brasil a brincadeira infantil chamada maria-macumbé, um tipo de esconde-esconde, no qual todos se escondem com a exceção daquele que irá procurar os demais brincantes. O nome da brincadeira pode ter sido influenciado pelo nome da etnia, que, conforme a *dos inventários e testemunhas de Porto Alegre de 1851*, estava presente no Rio Grande do Sul.

maria-macumbé

ma·ri·a·ma·cum·bé

sf

REG (S) Brincadeira infantil, variação do pique, que consiste em ficar uma criança virada para uma parede ou de olhos vendados, enquanto outras se afastam e se escondem para serem procuradas por ela; maria-condé, maria-mucanguê.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

PL: *marias-macumbés*.

ETIMOLOGIA

voc comp. (Sinópse, s.d.).

Para arrematar, foi encontrado nas pesquisas uma referência cabal, um registro ainda mais antigo, do ano de 1832, esse de suma importância para ilustrar a existência de uma nação inteiramente apagada da história do Brasil. Dentro dos arquivos dos Documentos da Escravidão no Rio Grande do Sul, na parte dos Inventários, intitulado *O escravo deixado como herança*, encontramos mais uma escrava pertencente a nação Macumbé: “Miquelina, 25 anos, Nação/Macumbé, lavadeira, cozinheira e engomadeira, 400\$” (Rio Grande do Sul, 2010).

Ano: 1832 - Processo n°: 119

Inventariado: Henrique da Silva Loureiro

Descrição: 39 escravos, 28 masculino, 11 feminino

Joaquim, 19 anos, Nação/Benguela, serviço ordinário, 340\$; Laurentino, 11 anos, Crioulo, Joana, 200\$; Quitéria, mulata, 25 anos, lavadeira, costureira, cozinheira e engomadeira, 400\$; João, mulato, 4 anos, Quitéria, 100\$; Miquelina, 25 anos,

Nação/Macumbé, lavadeira, cozinheira e engomadeira, 400\$; Serafina, 2 anos e meio, Crioula, Miquelina, 38\$400; Umbelina, 35 anos, Moçambique/Nação, lavadeira, engomadeira e cozinheira, 350\$; Joana, 60 anos, Nação/Quissamã, 80\$; Maria, 60/65 anos, Benguela, quebrada, 50\$; Adão, 34 anos, Crioulo, campeiro, 450\$; Feliciano, 20 anos, Crioulo, campeiro, pedreiro, 450\$; Manoel Laguna, 43 anos, Crioulo, lavrador, 300\$; João, 50 anos, Monjolo, 150\$; Antônio, 26 anos, Monjolo, lavrador, 350\$; Domingos, 32 anos, Moçambique, lavrador, 350\$; Manoel, 25 anos, Congo, quebrado, 300\$; Manoel, 22 anos, Moçambique, lavrador, 350\$; João, 30 anos, Cabinda, pedreiro, 500\$; Felipe, 16 anos, Cabinda, oleiro, 450\$; Luís, 24 anos, Cabinda, oleiro, quebrado, 300\$; Manoel, Cabinda, oleiro; João, 75 anos, Congo, 40\$; Manoel, São Tomé, sapateiro; Marçal, 36 anos, Cabinda, lavrador, 350\$; João, 18 a 20 anos, Congo, carpinteiro, 350\$; Joaquim, Nação, fugido; Luís, Nação, fugido; Vicente, Nação/Moçambique, 256\$; Carlota, preta, Nação/Guilimane, 256\$; Carolina, Nação/Moçambique, 256\$; Fortunato, Crioulo, 217\$600; Antônio, 19 anos, Munhange, serviço ordinário, moleque, 350\$; [sem nome], negro, Congo, velho; João, 20 anos, Nação/Moçambique, pedreiro, reumático, moleque, 260\$; Matias, 30 anos, Nação/Moçambique, moleque, mal de gota, 200\$; João, 20 anos, Crioulo, bota sangue pela boca, 250\$; Maria, negra, 55/56 anos, Moçambique/Nação, serviço ordinário, 150\$; Rosa, Crioula, falecida; Seriacca, cabrinha, 18 anos, Crioula, doente do peito, 300\$ (Rio Grande do Sul, 2010).

4.3. Hipóteses etimológicas já aventadas para a palavra macumba

A hipótese nada mais é que uma proposição hipotética, provisória e muitas vezes dita como sendo verdadeira, até ser refutada ou reanalisada e atualizada (Hipótese, 2023). Ela é o ponto de partida, do qual o pesquisador pode deduzir, através da lógica, usando para isso um conjunto secundário de proposições, mecanismos associados às evidências – objetivando, assim, elucidar a indagação – e aos dados experimentais a serem explicados. (Barros, 2008, p. 153).

É por isto que, etimologicamente, a palavra “hipótese” significa literalmente “proposição subjacente”. O que se “põe embaixo” é precisamente um enunciado que será coberto por outros, ou por uma série articulada de enunciados, de modo que a Hipótese desempenha o papel de uma espécie de fio condutor para a construção do conhecimento. Apesar do seu caráter provisório, a Hipótese tem sido a base da argumentação científica e desempenha uma série de funções dentro da pesquisa e do desenvolvimento do conhecimento científico (Barros, 2008, p.153).

Barros (2008) afirma que existem sete funções principais da hipótese na pesquisa e no conhecimento científico, sendo elas:

1. FUNÇÃO NORTEADORA: Dar uma direção à Pesquisa, fixando finalidades relacionadas a etapas a serem cumpridas durante a pesquisa. Implicando em procedimentos metodológicos específicos.
2. FUNÇÃO DELIMITADORA: Restringir o campo de Pesquisa (a Hipótese ajuda a impor um recorte ao Tema)
3. FUNÇÃO INTERPRETATIVA: Propor uma possível solução para o Problema investigado
4. FUNÇÃO ARGUMENTATIVA: Desencadear inferências e funcionar como pontos de partida para deduções (encaminhamento do método hipotético-dedutivo de raciocínio)
5. FUNÇÃO COMPLEMENTADORA: Preencher lacunas do conhecimento (ao propor explicações provisórias)
6. FUNÇÃO MULTIPLICADORA: Se potencialmente generalizável, permitir uma aplicabilidade adaptada a outras pesquisas (possibilitando, desta forma, o avanço ou o enriquecimento do conhecimento científico)
7. FUNÇÃO UNIFICADORA: Organizar ou unificar conhecimentos já adquiridos (inclusive através de generalizações construídas a partir de “uniformidades empíricas” que tenham sido eventualmente verificadas em pesquisas diversas) (Barros, 2008, p. 153).

Na nossa pesquisa encontramos oito hipótese, já consagradas e previamente registradas em dicionários gerais e etimológicos, complementando com este trabalho uma nona hipótese: a da confluência e influência do nome da *nação macumbé*. A seguir, apresentamos as nove hipóteses para a origem etimológica do étimo “macumba”.

4.3.1. Hipótese 1 – “origem africana”

A primeira hipótese aproxima-se mais de uma explicação etimológica genérica que não apresenta detalhamento sobre qual seria a língua de origem ou qual seria o significado original da palavra. São as descrições apresentadas por José Pedro Machado (1956), pelo dicionário Aulete (1958) e por Silveira Bueno (1968), que são, evidentemente, uma hipótese verdadeira e tudo o que sabemos com certeza a respeito da palavra “macumba”.

4.3.2. Hipótese 2 – do quimbundo

Outros autores já afirmam, de forma mais específica, que a palavra se origina do quimbundo, mas sem informar o significado que a palavra teria nessa língua. É o caso do dicionário Aurélio (1975), que grava o étimo “*ma'kúba*”; do dicionário etimológico de Cunha (1982), que não grava o étimo – este já é um caso controverso; do dicionário Aulete on-line (s. d.), que grava o étimo “*ma'kôba*”; do dicionário Michaelis (1999), que grava o étimo “macumba”; e do dicionário DLPC (2001) (Macumba, 2011), que grava o étimo “*ma'kūba*”.

4.3.3. Hipótese 3 – do quimbundo “*ma’kūba*” (cadeados, fechaduras)

Antenor Nascentes (1966) é mais específico ao afirmar que o étimo de “macumba” é o quimbundo “*ma’kūba*”, cujo significado é “cadeados, fechaduras”, relacionado a “cerimônias do fechamento de corpos” (Nascentes, 1966). Ou seja, é o único que, além de afirmar que o étimo é quimbundo, descreve também o significado da palavra nessa língua. Segundo o Grande Dicionário Houaiss (Macumba, 2024b), essa mesma hipótese é apresentada por Jacques Raymundo – texto ao qual não tivemos acesso.

4.3.4. Hipótese 4 – do quimbundo “*ma*” (o que assusta) + “*kumba*” (soar)

Esta hipótese é mencionada no Grande Dicionário Houaiss (Macumba, 2024b) como sendo sugerida pelo Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros, ao qual não tivemos acesso.

4.3.5. Hipótese 5 – do quimbundo “*maku*” + “*mba*” (sortilégio)

Esta hipótese também é mencionada no Grande Dicionário Houaiss (Macumba, 2024) como sendo sugerida pelo Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros, ao qual não tivemos acesso.

4.3.6. Hipótese 6 – do quicongo “*macumba*” (prodígio)

Esta hipótese também é mencionada no Grande Dicionário Houaiss (Macumba, 2024b) como sendo sugerida por Nei Lopes no Dicionário Banto do Brasil, ao qual não tivemos acesso.

4.3.7. Hipótese 7 – do quicongo “*macumba*” (murmúrios)

Esta hipótese é apresentada pelo dicionário de Van Der Poel (2013), sem apresentar outra fonte.

4.3.8. Hipótese 8 – confluência de dois étimos

O historiador Luiz Antonio Simas, no artigo Macumba, publicado na Revista Serrote (on-line) (Simas, 2020), faz um resumo de algumas das hipóteses etimológicas já elencadas aqui. Ele afirma que o instrumento musical macumba tem origem provável no quimbundo “*mucumbu*”, que significa “som” (mas não informa onde teria buscado essa hipótese). Já para o culto religioso, Simas parece aceitar a hipótese de Nei Lopes (vide Hipótese 6), mas afirma que o significado é o de “feiticeiro”, não o de “prodígio”. Ao final, conclui que a palavra “macumba” “pode designar tanto uma espécie de reco-reco como as cerimônias religiosas. A etimologia, porém, é distinta nos dois casos: a primeira deriva do quimbundo e a segunda, do quicongo” (Simas, 2020). Ou seja, acepções diferentes podem ter étimos diferentes, de modo que a palavra – polissêmica em português – não tem um único étimo, mas é fruto de uma confluência de pelo menos dois étimos.

4.3.9. Hipótese nove (inérita) – influência de “macumbé”

Acreditamos que não será possível identificar um único étimo, claro e conciso, para a palavra “macumba”. Nesse sentido, a ideia apresentada por Simas (2020), indicando que pode ter havido uma confluência de dois ou mais étimos, é atraente. Em uma situação em que se comunicavam falantes de línguas diferentes (ainda que, em sua maioria, do mesmo tronco linguístico, o banto), palavras foneticamente semelhantes de línguas diferentes podem ter confluído e se influenciado mutuamente, de modo comparável aos casos de analogia já bem documentados (ver Viaro, 2011, p. 202-4).

Dessa forma, para além de identificar um único étimo, a pesquisa etimológica passaria a buscar identificar quais são as palavras que mais provavelmente podem ter fornecido elementos fonéticos e semânticos para “macumba”. Os significados mais ligados ao campo semântico das práticas religiosas (como “sortilégio” e “prodígio”) e da música (como “soar”) teriam, assim, maior grau de probabilidade de terem influenciado a formação da palavra. Somamos a esses significados o nome da nação Macumbé, seja pela acepção de “filha de santo”, seja pela possibilidade de que pessoas dessa nação podem ter influenciado os cultos religiosos (o que talvez possa ser comprovado em pesquisas futuras).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se levantar o questionamento inerente da etimologia da unidade lexical “macumba”, deparamo-nos com um trabalho árduo de pesquisa, vasculhando desde obras literárias até dicionários diversos, documentos e jornais de época, com diversos personagens reais, tais como, Joaquim Macumbé, Maria Macumbé, Miquelina Macumbé e Juca Rosa, e ficcionais, tal como o consagrado Macunaíma de Mário de Andrade – todos eles ligados de alguma forma às tradições e religiosidades afro-brasileiras, ao sincretismo, à linguagem, ao constructo de uma língua portuguesa falada no Brasil.

Apesar da existência de trabalhos realizados por intelectuais para se registrar tais manifestações socioculturais, fica evidente que houve apagamentos diversos, o que levou ao desaparecimento de riquezas culturais ancestrais, tal como a citada nação Macumbé, dentre tantas outras, com suas tradições, histórias, músicas, cantos, mitologias e religiões.

A unidade lexical “macumba” é um exemplo de perpetuação do ancestral desconhecido, mas também de reinvenções, de amálgamas sincréticas e polissemias. Polissemia provavelmente é a melhor palavra para se referir à “macumba”. Após analisar os dicionários escritos por pesquisadores consagrados – que de maneira sagaz mergulharam fundo na etimologia das palavras –, achamos as mais diversas hipóteses de origem etimológica, sendo a mais comum a origem banta, visto que era a língua comum falada de costa a costa na África subsaariana na época do regime escravocrata brasileiro até meados do século XIX.

Essa origem banta proposta pelos etimólogos aqui mencionados é totalmente plausível, mas podemos somar a ela outras tantas de caráter mais específico, como a de origem do quimbundo ou do quicongo, assim como a hipótese de “macumba” no sentido de instrumento musical de percussão. Todas elas podem estar ligadas de alguma forma à própria nação Macumbé, e suas tradições.

Registram-se aqui, neste trabalho, todas essas hipóteses levantadas, assim como uma nova hipótese a se somar e a se levar em consideração pelos pesquisadores que tiverem a curiosidade e o desejo de darem continuidade nessa busca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLI, Nilma Teixeira. **José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira**: o tráfico ilegal de escravos no antigo Cabo Frio. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura: Fundação Biblioteca Nacional/Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, 2011. Disponível em: https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/jose-goncalves-silva-nacao-brasileira-trafico-ilegal//nilma_accioli_pnap.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

AFRICANISMO. *In*: Grande Dicionário Houaiss (on-line), 12 fev. 2024. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0. Acesso em: 12 fev. 2024.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo** – Criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

AMADO, Jorge. Obras de Jorge Amado. **Obras de Jorge Amado: Jubiabá**. Salvador: Martins, 1930, v. 4. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=UW0VAQAAMAAJ&q=jubiab%C3%A1+jorge+amado&dq=jubiab%C3%A1+jorge+amado&hl=ptBR&newbks=1&newbks_redir=0&sa=X&redir_esc=y. Acesso em: 12 fev. 2024.

ANTONELLI, Giuseppe. **Nuovo dizionario geografico universale statistico-storico-commerciale**. Tomo III, Parte II. Venezia: Editora:Antonelli, 1830. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Nuovo_dizionario_geografico_universale_s/wWgxFTo3lvoC?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 12 fev. 2024.

ARANHA, Graça. **A Viagem maravilhosa**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1929. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3936>. Acesso em: 12 fev. 2024.

AULETE, Francisco Júlio de Caldas. **Diccionario contemporaneo da lingua portugueza**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/c33718fd-d7aa-45c7-adb8-2aa18fcf5440>. Acesso em: 12 fev. 2024.

AULETE, Franciso Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário histórico de religiões**. Coautoria e edição de Paulo Geiger. 2 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Dicion%C3%A1rio_hist%C3%B3rico_de_religi%C3%B5es/k-qKDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=converg%C3%Aancia+de+v%C3%A1rios+termos+de+origem+banto,+com+significados+diversos&pg=PA162&printsec=frontcover. Acesso em: 26 fev. 2024.

BARRETO FILHO, Mello; LIMA, Hermeto. **História da política do Rio de Janeiro** – Aspectos da cidade e da vida carioca. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1944, v. 3.

BARRETO, Lima. **Histórias e sonhos**. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920a. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4786>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BARRETO, Lima. Arte de governar. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 643, p. 42, 16 out. 1920b. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=083712&PagFis=24403>. Acesso em: 24 fev. 2024.

BARROS, Jacy Rêgo. Senzala e macumba. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, Rodrigues & Cia., 1939. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=102940>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BARROS, José D'Assunção. As Hipóteses nas Ciências Humanas. **Revista Sisifo**, Lisboa, Universidade de Lisboa, v.7, set./dez. 2008. Disponível em: <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/127/211>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**, 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. "Glossário". **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. 1, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3683>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. **África no Brasil, a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p.120.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica: Ciências das Significações**. Trad. Aída Ferrás *et al.* São Paulo: Pontes/Educ, 1992.

BRÉAL, Michel. La polysémie. In: BRÉAL, Michel. **Essai de Sémantique: science des significations**. Librairie Hachette Et Cie. Paris, 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/essaidesmantiq00bruoft/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CÂMARA JR., J. M. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.

CANNECATTIM, Fr. Bernardo Maria De. Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Língua Bunda, ou Angolense. Lisboa: Impressão Regia, 1805. Disponível em: <https://www.ghtc.usp.br/server/Lusodat/pri/02/pri02243.htm>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CARVALHO, J. B. de. **Fica no Mocó**. Conjunto Tupy (intérprete). Rio de Janeiro: Victor, 1931. Lado B. 78 RPM, número 33.516, (3:20 minutos). Fonograma para audição e consulta na base de dados da Discografia Brasileira. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/fonograma/34833/fica-no-moco>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CHÃO batido, chão pisado. Grupo Bongar, s. l., 1992.

CLAR. Conheça J. B. de Carvalho, o rei da macumba. **Casa Natura Musical**, São Paulo, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://casanaturamusical.com.br/j-b-de-carvalho-o-rei-da-macumba/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CORDEIRO, L. **Estros e palcos**. Lisboa: Livraria Pacheco & Carmo, 1874.
CORREIO Mercantil, 1853, n. 131, p. 2. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=217280&pagfis=7490>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CRESPO, Antonio Candido Gonçalves. **Miniaturas**. Coimbra: Universidade de Coimbra. 1871. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=mLdLAQAAMAAJ&printsec=frontcover&source=gb_mobile_entity&newbks=1&newbks_redir=0&hl=pt&gl=BR&redir_esc=y#v=onepage&q=Macumba&f=false. Acesso em: 12 fev. 2024.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico**. 2. ed. Nova Fronteira da Língua Portuguesa, 1982.

DIARIO de Noticias. Ano 1870a. n. 98. p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369357&pasta=ano%20187&pesq=Juca%20Rosa&pagfis=381>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIARIO de Noticias. Ano 1870b. n. 102, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369357&pasta=ano%20187&pesq=Juca%20Rosa&pagfis=397>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIARIO de Noticias, Ano 1870c, n. 107, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=369357&pesq=macumba&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=417>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIVERSAS OCCURENCIAS. “O famigerado Juca Rosa”. **O Despertador**, Desterro, ed. 851, p. 3, 1871. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709581&pagfis=3272>. Acesso em: 27 fev. 2024.

ÉTIMO. *In*: Grande Dicionário Houaiss (on-line), 12 fev. 2024. Disponível em:
https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0. Acesso em: 12 fev. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. Disponível em:
<https://archive.org/details/novodicionriodal0000ferr/page/862/mode/2up?q=macumba>. Acesso em: 12 fev. 2024.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa Compreendendo**. Lisboa: Sociedade Editora: Arthur Brandão & Ca., 1899. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/Novo_diccion%C3%A1rio_da_l%C3%ADngua_portuguesa/OS9AAAAAYAAJ?hl=ptBR&gbpv=1&bsq=%22macumb%C3%A9%22&dq=%22macumb%C3%A9%22&printsec=frontcover. Acesso em: 12 fev. 2024.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Lisboa: Sociedade Editora: Arthur Brandão & Ca., 1926, v. 2.

FRANCO, Cid. **Dicionário de expressões populares brasileiras**. São Paulo: Fundo Estadual de Cultura/Editoras Unidas, 1970, v. II.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa V**. 4. ed. Rio de Janeiro: A Noite, 1943.

GONÇALVES, Eugênia Dias. **O vocabulário dos Tata n' Ganga Mukice da Irmandade de N. S. do Rosário do Bairro Jatobá, Belo Horizonte, Minas Gerais**. Belo Horizonte: FAFI-BH, 1995.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HIPÓTESE. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023.

Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hip%C3%B3tese&oldid=67156256>. Acesso em: 12 fev. 2024.

KINJÔ, Celso. Fenômenos da Crença Popular-6. **Manchete**. Rio de Janeiro: Editora Bloch, p. 48-52 n. 1023, nov. 1971. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=119082>. Acesso em: 12 fev. 2024.

LÉXICO do samba, 2021. Disponível em: www.lexicodosamba.com.br. Acesso em: 12 fev. 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACUMBA River. *In*: Wikipedia, The Free Encyclopedia, 28 oct. 2023. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Macumba_River&oldid=1182422476. Acesso em: 12 fev. 2024.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1956.

MACUMBA. *In*: Aulete digital, 2024a. Disponível em: <https://aulete.com.br/macumba>.

Acesso em: 12 fev. 2024.

MACUMBA. *In*: Dicionário da Língua Portuguesa. Academia. das Ciências de Lisboa.

Academia das Ciências de Lisboa. Dicionário da Língua Portuguesa, versão on-line, 2011.

Disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=macumba>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MACUMBA. *In*: Grande Dicionário Houaiss (on-line), 12 fev. 2024b. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0. Acesso em: 12 fev. 2024.

MACUMBA. *In*: Michaelis. Dicionário brasileiro de língua portuguesa, 2024c. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/macumba/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MARCONDES, Marcos Antônio. **Enciclopédia da música brasileira**: erudita, folclórica, popular. São Paulo: Art, 1977.

MELLO MORAES, Alexandre José de. **Os ciganos no Brazil, contribuição ethnographica**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1886. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7483>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brazil**. Rio De Janeiro: L. Garnier, 1888. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7146>. Acesso em: 12 fev. 2024.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Officina d'A Encadernadora, 1932.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, v. II, 1955.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura: INL, 1966.

NOTÍCIAS. “Capoeira”. **A República**, Rio de Janeiro, 27 fev. 1872, ed. 279. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=138916&pagfis=1111>. Acesso em: 26 fev. 2024.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

O RECREIO: revista semanal litteraria e charadistica. Lisboa: I. M. Moreira, 1888. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/O_recreio/vdxDAQAAMAAJ?hl=ptBR&gbpv=1&dq=macumba&pg=RA2-PA256&printsec=frontcover. Acesso em: 15 ago. 2023.

ORSI, Vivian. Lexicologia: O que há por trás do estudo das palavras? *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Souza (orgs). **Ciências da Linguagem**: o fazer científico? Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 163-177.

OS CANDOMBLÉS. “Ao sr. Dr chefe de polícia”. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ed. 105, 1880. Disponível em:

https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pagfis=615. Acesso em: 26 fev. 2024.

PIMENTEL, Márcia. Tráfico de moçambicanos: o último suspiro do comércio negro. Multirio, 5 jan. 2015 (Série Matrizes negras do Rio). Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/992- trafico-de-mocambicanos-o-ultimo-suspiro-do-comercio-negro>. Acesso em: 12 fev. 2024.

PINTO, Altair. **Dicionário da umbanda**. 2. ed. S.l.: Eco., 1975.

POEL, Francisco Van Der. **Dicionário da Religiosidade Popular**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/advanced.php?action=lemma&lemma=177225>. Acesso em: 12 fev. 2024.

POLYSÉMIE. In: **Etymologie en Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales**, 2024. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/etymologie/polys%C3%A9mie>. Acesso em: 12 fev. 2024.

REIS, A. Climaco dos. Chronica do dia. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, 1870, n. 98, p. 1. Instrução Popular. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369357&pasta=ano%20187&pesq=Juc a%20Rosa&pagfis=381>. Acesso em: 12 fev. 2024.

RELAÇÕES HUMANAS. University of California, issue 19-21, 1964 [digitized 30 oct. 2009]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&id=slofAQAAIAAJ&dq=macumbaria&focus=searchwithinvolume&q=macumbaria>. Acesso em: 12 fev. 2024.

RIBEIRO, Débora. Macumba. Dicio. Dicionário Online de Português, s.d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/macumba/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E DOS RECURSOS HUMANOS. DEPARTAMENTO DE ARQUIVO PÚBLICO. **Documentos da escravidão: inventários: o escravo deixado como herança**. Coordenação Bruno Stelmach Pessi. Sinópsse: Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2010, v. 1. Disponível em: https://archive.org/stream/OEscravoDeixadoComoHeranaLivroInventarios1/OEscravoDeixadoComoHeran%C3%A7a-LivroInventarios1_djvu.txt. Acesso em: 12 fev. 2024.

RIO, João do. **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/1850/1/45000008008_Output.o.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

SAMBA de macumba. Intérprete: Grupo Bongar. Compositor: Gutinho da Xambá. Disponível em: Chão Batido Coco Pisado, 2010, 2:38min. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/grupo-bongar/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SILVEIRA BUENO, F. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

SIMAS, Luiz Antonio. “Macumba”. **Revista Serrote**, n. 27, 2020. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2020/02/macumba-por-luiz-antonio-simas/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SINHÔ, José Barbosa da Silva. Disponível em: [https://imslp.org/wiki/Macumba_\(Sinh%C3%B4\)](https://imslp.org/wiki/Macumba_(Sinh%C3%B4)). Acesso em: 12 fev. 2024.

SINÓPSE dos inventários e testamentos de Porto Alegre RS - 1776 – 1852. Scribd, s.d. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/45971157/pspse-dos-Inventarios-e-Testamentos-de-Porto-Alegre-RS-1776-1852#>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SISENANDO MARQUES, Agostinho. Os Climats E As Produções Das Terras De Malange Á Lunda. Ed. Imprensa Nacional. Lisboa, 1889. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Os_climas_e_as_produc%C3%A7%C3%B5es_das_terras_d.html?id=x7EUAAAAYAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 12 fev. 2024.

SOUZA, Lellison de Abreu. Balança que o samba é uma herança: Samba, partido alto, mercado fonográfico e sambistas nas Décadas de 1960 a 1980. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/158086/mod_resource/content/1/TEYSSIER_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

VAN DER POEL, Francisco. **Dicionário da religiosidade popular**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

VIARO, Mário. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

ZIMFIELDGUIDE. Makumbe cave and lower Makumbe cave. S.l., s.d. Disponível em: <http://zimfieldguide.com/harare/makumbe-cave-and-lower-makumbe-cave>. Acesso em: 12 fev. 2024.